



COOPERATIVISMO

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 5, 6 e 7 de julho de 2024



A força da união do cooperativismo

Cooperativas ajudam sociedade gaúcha a superar os desafios impostos pelas enchentes e trabalham pela reconstrução do Rio Grande do Sul

AO LEITOR

Cooperativas se unem em torno da solidariedade



TÂNIA MEINERZ/JC

SISTEMA OCERGS/DIVULGAÇÃO/JC

Cooperativa Cooperlíquidos, de Canoas, virou central de doações do Sistema Ocergs durante as enchentes que atingiram o RS

O Dia Internacional do Cooperativismo teve sua importância redobrada neste ano de 2024, após a enchente que atingiu o Rio Grande do Sul. Mais do que comemorar a data, o foco, desta vez, é destacar as entidades de todo o Brasil e os voluntários que se mobilizaram em apoio ao povo gaúcho no enfrentamento aos impactos da catástrofe climática de maio.

Celebrado em 6 de julho, o Dia C, de Cooperar, deste ano contará com um grande evento de prestação de contas realizado pela Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Ocergs) nas dependências da Cooperlíquidos, em Canoas. O local foi convertido em uma grande central de logística e distribuição das doações encaminhadas.

Desde 3 de maio, foram arrecadadas e redirecionadas 950 toneladas de alimentos, 400 toneladas de produtos de limpeza, 40 mil peças de roupas, 20 mil litros de água, além de outros itens.

As doações de cooperativas de outros estados foram canalizadas para a Ocergs, que organizou a logística para receber o material e distribuí-lo. Diferentes ramos do cooperativismo gaúcho foram mobilizados para que a ajuda chegasse na ponta da melhor forma possível.

Apesar do cenário adverso, as cooperativas gaúchas seguem crescendo em ritmo forte, expandindo a cada ano a sua participação no PIB gaúcho. Há, porém, desafios no segundo semestre, que deve ser marcado por um momento de reconstrução e de retomada da economia.

ÍNDICE

Cooperativas consolidam participação no PIB do RS	4
O cooperativismo no RS - dados consolidados de 2023	6
Entrevista Especial - Darci Hartmann	8
Cooperativas do ramo Saúde projetam crescimento	10
Cooperativismo de crédito e o apoio à sociedade	12
Unicred e a marca de 100 mil cooperados	14
Presidente do Sicredi projeta crescimento de dois dígitos em 2024	16
Os desafios das cooperativas agropecuárias	18
Fecoagro prega gestão eficiente para ter resultados	19
Cooperativas vinícolas projetam retomada no RS	20
Acesso a recursos é fundamental para cooperativas de energia	22
Coprel pretende manter investimentos previstos para 2024	23

Expediente

■ Editor-Chefe: Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br); ■ Editor-executivo: Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br); ■ Editora de Economia: Fernanda Crancio
 ■ Reportagem: Ana Esteves, Bárbara Lima, Claudio Medaglia, Guilherme Kolling, Jefferson Klein e Osni Machado; ■ Diagramação: Ingrid Muller, Luís Gustavo S. Van Ondheusden e Luiz Breves

6 de julho. Dia Internacional do Cooperativismo.



JUNTOS COOPERAMOS. JUNTOS CONSTRUÍMOS E RECONSTRUÍMOS.

Quando cooperamos, superamos fronteiras e construímos pontes para uma sociedade mais justa e próspera. Neste Dia Internacional do Cooperativismo, celebramos o seu trabalho incansável e, como uma seguradora 100% nacional, reafirmamos nosso compromisso de proteger cada vez mais brasileiros.



ICATU
COOPERA



Cenário

Cooperativas gaúchas consolidam participação relevante no PIB do RS

Riqueza gerada por organizações representa 13,5% do que é produzido em solo gaúcho anualmente

Ana Esteves, especial para o JC

As cooperativas gaúchas são uma das molas propulsoras da economia do Rio Grande do Sul. Independentemente de circunstâncias e adversidades conjunturais, registram aumento nas suas receitas ano após ano.

O faturamento dessas organizações deu um salto nesta década. Em 2020, foram R\$ 52,1 bilhões, número que foi a R\$ 71,2 bilhões em 2021, R\$ 83,5 bilhões em 2022 e R\$ 86,3 bilhões no ano passado, 3,3% superior a 2022, conforme dados divulgados em junho pela Ocergs/Sescoop-RS.

A participação das cooperativas no Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul também se consolidou acima de 10% das riquezas produzidas em solo gaúcho. Conforme levantamento da Ocergs/Sescoop-RS, em 2019 a fatia do PIB relativa ao setor foi de 10,1%; em 2020, foi de 11,1%; em 2021 de 12,2%; em 2022 saltou para 14,1%. O percentual teve uma oscilação no ano passado, quando a participação das cooperativas no PIB ficou em 13,4%.

De qualquer forma, a curva nos últimos anos é ascendente. E o crescimento na participação das cooperativas no PIB gaúcho tem sido verificado de forma mais contundente nos ramos de crédito e infraestrutura, especialmente nos últimos anos, quando o ramo agropecuário foi impactado por

três secas e variações nos preços agrícolas, afetando os resultados.

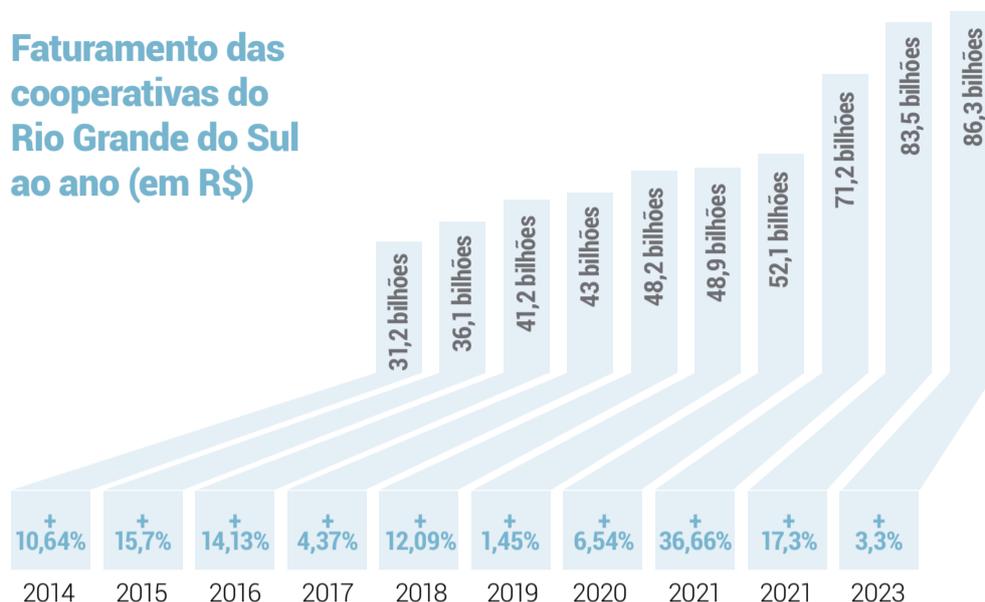
“Em 2023, houve uma pequena queda na participação das cooperativas em relação ao PIB gaúcho, de 0,6 ponto percentual, convergente com a retração das grandes atividades agropecuárias gaúchas, que apresentaram PIB negativo na maioria dos trimestres devido à seca”, explica o presidente da Ocergs, Darci Hartmann.

Para ele, os números demonstram real incremento do sistema, mostrando que o modelo econômico social do cooperativismo está crescendo cada vez mais, através da sua profissionalização e da gestão dos seus quadros. “O cooperativismo está num processo de crescimento”, completa.

Segundo o dirigente, o resultado positivo relativo aos ingressos de 2023 veio, apesar da estiagem que prejudicou a safra de verão 2022/2023 e das chuvas que marcaram a primavera do ano passado, muito atrelado ao bom desempenho das cooperativas de crédito. “O ano de 2023 foi bastante positivo e estamos trabalhando com muita intensidade para que possamos colocar em prática o projeto que temos de faturar R\$ 150 bilhões em cinco anos, apesar de todos os desafios de 2024”, afirma o presidente.

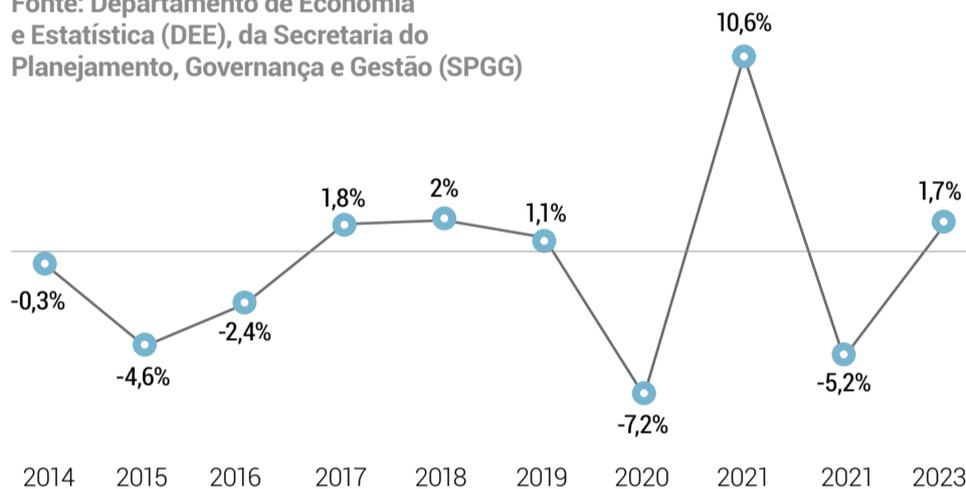
Outro ponto de destaque do relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho 2024, divulgado em junho pela Ocergs/Sescoop-RS é o crescimento de 20% nas sobras (parte da receita que supera as despesas, que é dividida entre os associados) que alcançaram R\$ 5,11 bilhões em 2023. Em 2022, foram R\$ 4,2 bilhões.

Faturamento das cooperativas do Rio Grande do Sul ao ano (em R\$)



Desempenho do PIB RS

Fonte: Departamento de Economia e Estatística (DEE), da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG)



Evolução da participação das cooperativas no PIB do RS

Ano	PIB/RS	Faturamento Cooperativas	Participação cooperativas no PIB do RS
2019	R\$ 482,4 bilhões	R\$ 48,9 bilhões	10,1%
2020	R\$ 470,9 bilhões	R\$ 52,1 bilhões	11,1%
2021	R\$ 581,2 bilhões	R\$ 71,2 bilhões	12,2%
2022	R\$ 592,6 bilhões	R\$ 83,5 bilhões	14,1%
2023	R\$ 640,5 bilhões	R\$ 86,3 bilhões	13,5%

FONTE: OCERGS/SESCOOP-RS



TÂNIA MEINERZ/JC

Apesar das adversidades climáticas que impactaram a produção agropecuária gaúcha, cooperativas do Rio Grande do Sul seguem crescendo em faturamento, ano após ano



Cooperativas de crédito puxaram elevação no faturamento de 2023

O relatório de 2023 demonstrou que entre os setores que mais alavancaram os ingressos está o das cooperativas de crédito que tiveram incremento de 29,3% em faturamento, saltando de R\$ 18,3 bilhões em 2022 para R\$ 24,2 bilhões, em 2023. Em relação às sobras, o aumento também foi expressivo, chegando a 26%: em 2022 foram contabilizados R\$ 2,7 bilhões em sobras, já em 2023 esse montante chegou a R\$ 3,5 bilhões.

“Mesmo diante de todo o cenário que temos percebido, as cooperativas de crédito seguem crescendo. Isso se deve ao fato de que operações de crédito são o motor da economia e acabam aquecendo comércio, indústrias, serviços. Então, o crescimento do setor de crédito é uma consequência do crescimento da vida econômica, financeira das próprias pessoas que são associadas das cooperativas”, avalia o presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port.

O cenário também foi positivo para cooperativas do ramo da saúde, com incremento de 12,6% nos ingressos – em 2023 o faturamento

chegou a R\$ 9,4 bilhões, ante R\$ 8,3 bilhões de 2022. O vice-presidente de Integração e Relações Estaduais da Unimed Federação/RS, Jorge Martines, diz que a solidez financeira e a responsabilidade com o caixa são características da Unimed no RS, e que cada passo dado é pensado, com foco na sustentabilidade do negócio e na prestação de um atendimento de excelência aos mais de 2 milhões de beneficiários. “E a Unimed está com um número de cooperados superior a



Cooperativas de crédito tiveram incremento de 29,3% em faturamento, saltando de R\$ 18,3 bi em 2022 para R\$ 24,2 bilhões em 2023

16,6 mil médicos, em todo o Estado, e se mantém em crescimento”.

Conforme o levantamento da Ocergs/Sescoop-RS, o incremento nos ingressos também foi verificado entre as cooperativas do setor de infraestrutura, com 9,7% de aumento num comparativo entre o valor de 2023, R\$ 1,7 bilhão, e 2022 quando foi contabilizado R\$ 1,5 bilhão. As sobras também tiveram aumento de 2%, subindo de R\$ 169,5 milhões em 2022 para R\$ 173,5 milhões em 2023.

Para 2024, o setor concentra esforços em um acesso facilitado a recursos financeiros oriundos do governo federal, para buscar recuperar os prejuízos causados pela tragédia climática que devastou o Estado, em maio, e seguir em rota de crescimento. “Hoje, estamos com boas tratativas com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que está sensibilizada e enxergando que o prejuízo foi muito grande”, enfatiza o presidente da Certel e da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergrs), Erineo José Hennemann.

Ramo do agro supera adversidades climáticas e segue investindo

O setor de cooperativas agropecuárias teve queda, em função das sucessivas quebras de safra geradas por dois períodos de estiagens consecutivos no Estado, que afetaram lavouras nos períodos de 2021/2022 e 2022/2023.

Em 2024, foi a vez do excesso de chuvas registrado entre os meses de abril e maio, frustrar a expectativa boa que os produtores vinham tendo frente à safra de verão, que transcorreu dentro da normalidade, com a possibilidade de volumes recordes nas lavouras, em especial para a soja.

Conforme o levantamento da Ocergs/Sescoop-RS houve queda de 7,7% no faturamento das cooperativas do agro, caindo de R\$ 52,63 bilhões, em 2022 para R\$ 48,6 bilhões em 2023. As sobras também tiveram queda de 2%, com

R\$ 1,03 bilhões em 2022 para R\$ 1,01 bilhão, em 2023. “O faturamento das cooperativas agropecuárias representa 56,3% do total dos sete ramos do cooperativismo no Estado. O valor das sobras equivale a 19,8% nesse cenário”, afirma Darci Hartmann, da Ocergs.

Para o presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (Fecoagro), Paulo Pires, o cooperativismo gaúcho vem vencendo desafios, mas com resultado. “Nós temos mais de 10 anos de resultados. E, principalmente, não tenho dúvida de dizer que no setor agropecuário, quem mais investe em armazenagem e estruturas físicas, novas unidades, enfim, é o cooperativismo agropecuário. Não há dúvida que o cooperativismo tem cumprido seu papel.”

A força do cooperativismo gaúcho

O sorriso transcende gerações

Uniodonto[®] 
Federação RS

Por isso cuidamos do seu a mais de 50 anos





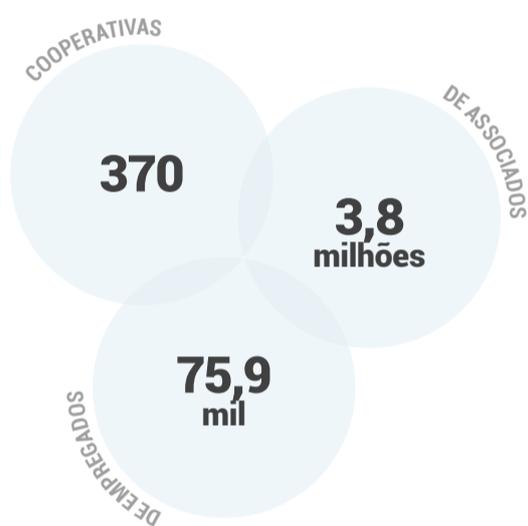
COOPERATIVISMO

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, Sexta-feira e fim de semana, 5, 6 e 7 de julho de 2024

O setor em números

O cooperativismo no Rio Grande do Sul – dados consolidados do ano de 2023

O cooperativismo gaúcho atrai, a cada ano, mais associados. Seja com a conjuntura favorável, seja em meio a cenários adversos, as organizações mantêm crescimento gradual de faturamento, inclusive de dois dígitos em diversos exercícios

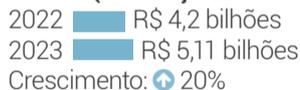


Dados gerais financeiros do cooperativismo gaúcho

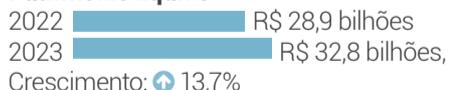
Ingressos



Sobras (diferença entre receita e despesa)



Patrimônio líquido



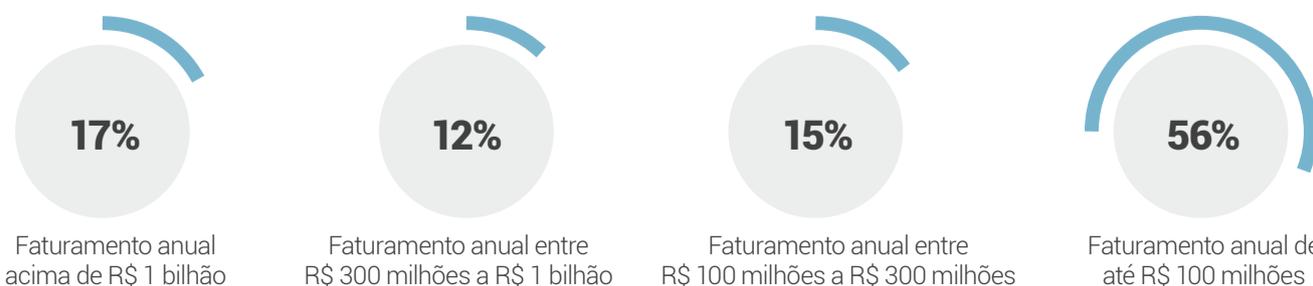
Ativos



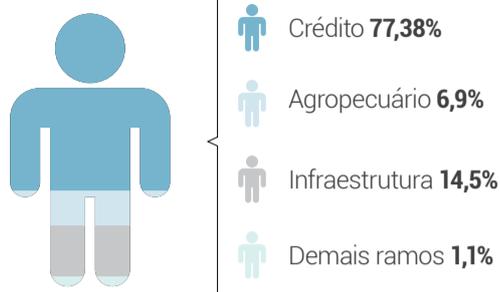
Ramo Agropecuário

O faturamento das cooperativas agropecuárias representa 56,3% do total dos sete ramos do cooperativismo no Rio Grande do Sul. E o valor das sobras das cooperativas agropecuárias equivale a 19,8% do total dos sete ramos do cooperativismo gaúcho.

Porte das cooperativas agropecuárias

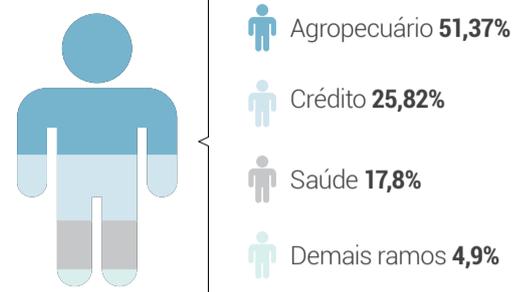


Associados



(a grande maioria dos 3,8 milhões de associados, ou seja, 98,8% do total, concentram-se nos ramos Agropecuário, Crédito e Infraestrutura)

Empregados



(95,04% dos empregados, 72,2 mil, concentram-se nos ramos Agropecuário, Saúde e Crédito)

Números de cooperativas por setor no RS



Números de cooperados por setor no RS



Números de empregados por setor no RS





Cooperativas envolvem uma parcela significativa da população do Rio Grande do Sul

Segundo o Censo do IBGE divulgado em 2022, o Estado tem uma população de um pouco menos de 11 milhões de habitantes. Considerando esse dado, torna-se ainda mais significativo o número de associados que integram alguma das 370 cooperativas do Rio Grande do Sul. De acordo com o relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho, são 3,8 milhões de associados de cooperativas, que agregam ainda a força de trabalho de 75,9 mil empregados.

Indicadores de desempenho do ramo Agro

Ingressos
2022 R\$ 52,63 bilhões
2023 R\$ 48,6 bilhões

↓ Queda de 7,7%

Sobras
2022 R\$ 1,03 bilhão
2023 R\$ 1,01 bilhão

↓ Queda de 2%

Ativos
2022 R\$ 32,87 bilhões
2023 R\$ 31 bilhões

↓ Queda de 5,6%

Patrimônio líquido
2022 R\$ 8,67 bilhões
2023 R\$ 8,3 bilhões

↓ Queda de 3,8%

Ramo de Saúde

Classificação das Cooperativas

- 2 centrais
- 2 federações
- 46 singulares

Agrupamentos das Cooperativas por Sistema

- 30 Unimed
- 6 Uniodonto
- 14 sem filiação

Principais atividades

- 27 operadoras
- 22 prestadoras
- 1 Usuários de Plano de Saúde

Abrangência do Sistema Unimed

- 2.497 Hospitais, clínicas e laboratórios credenciados
- 2 milhões de beneficiários
- 497 municípios cobertos

Indicadores de desempenho do ramo Saúde

Ingressos
2022 R\$ 8,3 bilhões
2023 R\$ 9,4 bilhões

↑ Aumento de 12,6%

Sobras
2022 R\$ 145,6 bilhões
2023 R\$ 306 bilhões

↑ Aumento de 110%

Ativos
2022 R\$ 5,8 bilhões
2023 R\$ 6,5 bilhões

↑ Aumento de 11,9%

Patrimônio líquido
2022 R\$ 2,7 bilhões
2023 R\$ 3,1 bilhões

↑ Aumento de 15,9%

Indicadores de desempenho ramo Crédito

Ingressos
2022 R\$ 18,3 bilhões
2023 R\$ 24,2 bilhões

↑ Aumento de 29,3%

Sobras
2022 R\$ 2,7 bilhões
2023 R\$ 3,5 bilhões

↑ Aumento de 26%

Ativos
2022 R\$ 112,9 bilhões
2023 R\$ 138 bilhões

↑ Aumento de 22,3%

Patrimônio líquido
2022 R\$ 15,36 bilhões
2023 R\$ 19 bilhões

↑ Aumento de 24,1%

0800 701 3196

A energia que transforma

Cooperar sempre foi a melhor forma de superar desafios. A melhor forma de conquistar objetivos. A melhor forma de viver em sociedade. A cooperação também é a melhor forma de fazer negócios, porque quando atuamos de forma cooperativa, colocamos sempre as pessoas em primeiro lugar. E é nisso que sempre acreditamos.

Por isso, convidamos a todos para cooperarmos cada vez mais, colocando toda a nossa energia no desenvolvimento coletivo e na geração de novas oportunidades. Afinal, é a cooperação que nos liga ao futuro.

06/07 Dia Internacional do Cooperativismo



Cooperação que liga você ao futuro.





Entrevista Especial

‘Papel do cooperativismo na reconstrução do RS é fundamental’, avalia Hartmann

Guilherme Kolling e Claudio Medaglia

O faturamento do sistema cooperativo gaúcho somou R\$ 86,3 bilhões em 2023, o equivalente a 13,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul no período. O dado é ainda mais representativo se for considerado que as cooperativas do agronegócio, que contribuem com a maior parte do faturamento, foram fortemente impactadas pelas adversidades climáticas dos últimos anos. Ainda assim, o ramo do agro teve faturamento de R\$ 48,6 bilhões (56,3% do total) em 2023.

Quando a análise incluí as 370 cooperativas de sete diferentes ramos registradas no Sistema Ocergs, houve crescimento nas receitas, comportamento que se repete ano após ano. Além disso, as sobras (que equivaleriam ao lucro, se as cooperativas fosse empresas tradicionais) tiveram um volume 20% superior no ano passado, alcançando a marca de R\$ 5,1 bilhões.

O presidente do Sistema Ocergs, Darcy Hartmann observa que o conjunto de números superlativos resume a força do cooperativismo gaúcho, que alavanca o desenvolvimento de comunidades e o crescimento do Estado, especialmente no Interior. Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, Hartmann destaca que, mais uma vez, as cooperativas já estão de mangas arregaçadas para trabalhar na reconstrução do Rio Grande do Sul após a catástrofe climática, e aponta o papel fundamental das organizações nessa tarefa.

Hartmann ainda avalia a performance do setor, sustenta a importância de facilitar o acesso a crédito pelo governo federal para a recuperação do território gaúcho, e aponta a importância do trabalho colaborativo, para criar um novo Rio Grande do Sul, mais moderno e preparado para enfrentar novos desafios. O presidente da Ocergs ainda comenta a meta ambiciosa das cooperativas, de alcançar faturamento anual de R\$ 150 bilhões.

Jornal do Comércio – Como foi o exercício de 2023 para as cooperativas do Rio Grande do Sul?

Darcy Hartmann – Foi um ano muito bom, com real crescimento do sistema, mostrando que esse modelo econômico e social do cooperativismo está crescendo cada vez mais através da sua profissionalização, da gestão dos seus quadros, todos os ramos cresceram. Mesmo o ramo

agropecuário, que teve queda de faturamento – tivemos quebra na soja, no milho, no trigo –, avançou no share de mercado no sistema agropecuário. Crescemos na margem líquida nos resultados, chegamos a R\$ 5 bilhões de resultados em todos os ramos, e o cooperativismo está em um processo de crescimento, estamos caminhando firmemente por (alcançar faturamento anual de) R\$ 150 bilhões. Em 2023, quem puxou o resultado foi o (ramo) Crédito. A Saúde teve crescimento de entrega, foi o segundo melhor crescimento. Basta ver o quanto cresce a Unimed, que é líder de mercado, 56% dos planos de saúde são Unimed, e 44% são todos os outros planos (no Estado).

JC – As cooperativas gaúchas não cresceram dois dígitos em faturamento em 2023 por causa da questão climática que afeta o agronegócio. Mas o resultado – as sobras – cresceu dois dígitos...

Hartmann – Em sobras cresceu dois dígitos, no patrimônio líquido cresceu dois dígitos, em todos os setores. Só no faturamento não cresceu, porque o agropecuário é o carro-chefe e teve redução de faturamento. Nesse ano, se for normal, o faturamento vai crescer dois dígitos.

JC – Qual é o papel das cooperativas no trabalho de retomada econômica do Rio Grande do Sul?

Hartmann – É de fundamental importância. Em primeiro lugar, precisamos buscar a reconstrução através do investimento na agropecuária, onde o retorno é mais rápido. Precisamos de recursos para recuperar o solo, que as enxurradas levaram com muita força. Precisamos de recursos para capitalizar o produtor, para que possa fazer seus investimentos. E com a capacidade de trabalho, a resiliência do cooperado e a capacidade de gestão e profissionalização das cooperativas, vamos realavancar essas atividades. Temos algumas regiões que precisamos ter tratamentos especiais...

JC – Quais?

Hartmann – O Vale do Taquari e o Vale do Jacuí têm cooperativas que foram destruídas. A cooperativa Certel, de Lajeado, teve prejuízo de R\$ 150 milhões, duas usinas destruídas, 70% das redes destruídas. Cooperativas de infraestrutura sofreram muito com o impacto das cheias, com armazéns inundados, produtores perdendo 70% do seu produto na lavoura. Essas regiões precisam ter tratamento diferenciado com recursos mais a



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Presidente da Ocergs, Darcy Hartmann destaca a recuperação dos solos

longo prazo, precisa de investimentos com juros zero ou até a fundo perdido. Tem muito produtor que perdeu do martelo até o trator, do galpão até a casa. A Ocergs, até fazendo projetos, tem buscado recursos a fundo perdido, para que possamos alavancar esses produtores. E as outras regiões, do Planalto, que tiveram a colheita concluída, 85% ou 90% da soja tinha sido colhida, tiveram um

processo de erosão muito grande, vão precisar muito de investimento na recuperação de solo. A Ufrgs tem estudos que apontam perdas de R\$ 8 bilhões em solos. O centro de pesquisas das cooperativas da CCGL, em Cruz Alta, fala em 10 sacas de soja por hectare o potencial de redução de produtividade para o ano que vem, se não houver investimento maciço. E não temos visto sinais muito promissores de investimento... Sem contar que a Metade Sul teve perda de 50% da sua produção e já vem com dois anos de muita dificuldade, porque a seca tem sido mais intensa na Metade Sul.

JC – O crédito acessível tem papel fundamental na retomada. O dinheiro está chegando na ponta?

Hartmann – Hoje não tem chegado nada. As cooperativas têm um projeto desde o início, pedimos uma reconversão desse pacote de débitos dos últimos 3, 4 anos que o produtor está endividado, para que pudéssemos jogar tudo em um pacote e refinar em 10 anos com 2 de

carência, com juros de 3%, 5% e 7%. Para que o produtor pudesse limpar seu nome e acessar novos créditos. Em segundo lugar, no Plano Safra, a questão é a capacidade de o produtor acessar esse recurso, porque tem contas do ano retrasado, vencidas, contas do ano passado vencidas, já tem um passivo. Como vai ter a capacidade financeira de acessar esse recurso? O sistema cooperativo tem brigado para criar um fundo de aval mais robusto, para que os produtores tenham acesso a crédito, e possam fazer o alongamento à dívida, para investir no custeio. Precisamos de crédito para recuperação de solo, é através do solo que vamos potencializar a produção e fazer a recuperação da atividade econômica.

JC – O senhor acredita que é preciso uma linha específica de crédito para o Rio Grande do Sul?

Hartmann – Com certeza. O Plano Safra pode ser para o Brasil todo. Mas para o Rio Grande Sul é preciso um fundo de aval específico e repactuação dos débitos. Então, alongamento de débitos para 10 anos e um fundo garantidor para que o produtor tenha acesso ao dinheiro do Plano Safra.

JC – O senhor mencionou a recuperação dos solos. Quanto o impacto das chuvas deve afetar os resultados das próximas safras?

Hartmann – No próximo ano, vamos ter perda de produtividade, mesmo com investimentos. Se tivermos recursos, a projeção é de em cinco anos voltarmos aos índices de produtividade anteriores à chuva. Mas precisamos investimentos. O produtor vai ter que repensar seu processo.

JC – Qual é o papel das cooperativas de crédito para ajudar os produtores nesse cenário?

Hartmann – As cooperativas de crédito têm um trabalho fundamental, com capilaridade e presença. Pode não ter nenhuma instituição financeira, mas a cooperativa de crédito está lá nos rincões do Rio Grande do Sul. Essa relação direta com o produtor e os recursos vão ser fundamentais. Tenho muito mais esperança de recurso das cooperativas de crédito do que de recursos oficiais. A cooperativa conhece seu associado, a história, não é um simples cadastro. Está lá fisicamente. E tem convivência com o associado e sabe quem paga e quem não paga.

JC – E a necessidade de disponibilização de crédito e prazos a partir dessa nova realidade...

Hartmann – A necessidade dos produtores em relação à renegociação é de 10 anos... A dívida que temos levantada é dimensionada àquilo que o produtor deve nas cooperativas, que é R\$ 3 bilhões. O índice de endividamento é muito alto, porque em



Chegamos a R\$ 5 bilhões de resultados (em 2023), o cooperativismo está em um processo de crescimento



cinco anos tivemos três secas, uma chuvarada e um ano que deu uma safra boa. É desafiador.

JC – A tendência é que esses eventos climáticos, com muita ou com pouca água, se repitam. Como está sendo trabalhado esse cenário nas propriedades, se safras cheias e rentáveis estão cada vez mais sob risco climático?

Hartmann – A velocidade da recuperação está ligada a aporte de recursos. O produtor vai plantar. Com mais ou menos tecnologia, o produtor é resiliente, criativo, ele busca alternativa. Eventualmente pode plantar e perder dinheiro, porque vai para o custo financeiro do mercado acessar recursos. O aumento da produtividade vai estar relacionado aos projetos governamentais de incentivo. Produtividade está relacionada a investimentos em calcário, fertilizantes e corretivos. E isso a média do produtor não vai fazer neste ano se não houver financiamentos e grandes projetos de alocação de recursos. Agora, que ele vai plantar, vai... Vem a seca, e temos outro problema. Estávamos falando, até o ano passado, em fazer irrigação, mitigar a seca, e poderemos resolver tudo isso. Eu diria o seguinte: o produtor vai plantar, tecnologia vai depender da capacidade de acesso ao crédito e, em segundo lugar, a velocidade da reestruturação do solo e da produtividade vai depender de investimentos maciços do governo.

JC – Nesse contexto de desafios da recuperação tem outro fator, a cotação das commodities...

Hartmann – A commodity sobe e desce. Se pega o preço da soja subindo, compra o insumo mais baixo, tem uma boa margem. Se pega um ano em que o preço do insumo está mais alto – e o insumo sempre é atrás do preço da commodity –, tem uma margem líquida bem menor. Mas isso é do jogo da atividade econômica. O que precisamos é produtividade. E produtividade é investimento no solo. Para ter margem, é preciso produtividade. Tem, no Rio Grande do Sul, quem produz 40 sacas de soja por hectare e quem produz 90 sacas, na média. Isso, às vezes, em uma distância de um quilômetro. Isso é investimento em tecnologia, e para isso precisa recurso. E o produtor não tem recurso para investir.

JC – Essa conjuntura pode frear investimentos das cooperativas em estruturas de armazenagem?

Hartmann – Não vejo hoje um grande problema de armazenagem. O maior problema é a Metade Sul, onde a velocidade de aumento de área de soja é muito grande. Então, a armazenagem está vindo atrás, mas não está alcançando. Mas aí tem a proximidade do Porto de Rio Grande, com essa facilidade escoar diretamente. Mas as



Precisamos buscar a reconstrução através do investimento na agropecuária, onde o retorno é mais rápido

cooperativas, as empresas vão tirar o pé nos investimentos, principalmente por causa dos dois anos de seca. E agora por causa dessa chuvarada. Essa instabilidade vai tirar investimentos em armazenagem.

JC – Mesmo com todas essas adversidades, as cooperativas de todos os ramos no Rio Grande do Sul tiveram crescimento de 20% no resultado de 2023, isto é, as sobras cresceram. A que se deve essa alta contínua?

Hartmann – Os 20% da sobra são do geral das cooperativas. Grande parte dessas sobras são geradas pelas cooperativas de crédito. As cooperativas do agro tiveram sobras mais ou menos idênticas ao ano passado e um pouquinho de redução. Mas tiveram sobras. E o produtor que teve tecnologia, que produziu bem, teve sobras no ano passado. Mas tem muito produtor que já está há três anos reduzindo a tecnologia. Menor a produtividade, menor o resultado... Mas o cooperativismo aumentou o share do mercado, sua participação do mercado agro no Rio Grande do Sul. Crescemos.

JC – E a participação no PIB como um todo também cresceu?

Hartmann – O sistema cooperativo faturou no ano passado R\$ 86,3 bilhões. Isso corresponde a 13,4% do PIB do Rio Grande do Sul, que somou R\$ 640,2 bilhões em 2023 (5,9% do PIB nacional). Hoje o sistema cooperativo tem, na exportação da soja, os dois terminais da CCGL têm 70% de todas as exportações de soja do Rio Grande do Sul. O sistema cooperativo está crescendo. Pela assistência técnica, pela presencialidade, pela tecnologia do SmartCoop, que é uma plataforma tecnológica pela Rede Técnica Cooperativa (RTC), tem o Centro de Pesquisa, depois tem 1,1 mil agrônomos que têm essa pesquisa à mão, para ser aplicada em tempo real, então, tem todo um trabalho que é feito diferente de uma empresa que compra soja. E nesse crescimento tem o RS Coop 150, oportunizando essa intercooperação com o transporte e os outros ramos

do cooperativismo, que têm essa capacidade.

JC – As cooperativas gaúchas ajudando-se entre si...

Hartmann – O RS Coop tem essa capilaridade de oportunizar o crescimento entre as cooperativas. Por exemplo, hoje tem uma plataforma onde as cooperativas de transportes tomam frete das cooperativas e grãos. Hoje as cooperativas de infraestrutura prestam serviços a todos os armazéns das cooperativas agropecuárias. Tem se trabalhado assim, para que todas as cooperativas de saúde possam atender todas as cooperativas agropecuárias. Então, o processo é transversal. Se olharmos, por exemplo, todos os supermercados de cooperativas (somados formam) a maior (rede) do Estado. Está se criando uma central de compras no sistema cooperativo. Está se discutindo uma central de logística do sistema. Temos muita capacidade de convergência ainda, onde possamos nos unir, não nas estruturas básicas de armazém, mas na inteligência, na logística, na informação, na tecnologia, temos condições de crescer muito nos próximos anos.

JC – Muito se fala em como manter o jovem no campo. Agora a pergunta é como manter o gaúcho no Rio Grande do Sul com essa questão das enchentes...

Hartmann – Olha, o jovem tem ficado no campo, acho que essa matéria está um pouco vencida. O jovem está ficando no campo porque tem tecnologia, internet fibra ótica, toda a tecnologia no campo, e tem renda. Produtor que tem renda, o jovem fica. Para manter o gaúcho, temos que trabalhar muito forte, com muita vontade de mostrar o quanto somos capazes de fazer de novo, mas fazer

diferente. Construir um agro diferente, construir cidades diferentes, construir um Estado diferente, com novas tecnologias, com novas variáveis. E o grande caminho para fazer isso é a cooperação. E é por isso que o cooperativismo está crescendo muito forte.

JC – É hora de unir todo o Rio Grande do Sul?

Hartmann – Agora é hora de olhar o Rio Grande, fazer cooperação entre Estado, município e União para que possamos reconstruir. Eu acredito que é muito bom esse Estado. Temos muita tecnologia, muita capacidade de produção, muita resiliência. O que precisamos agora é de um empurrão da União através da injeção de recursos para que o Estado possa decolar de novo, e vamos produzir com muita intensidade. Quando eu comecei a produzir soja, produziamos 3 milhões de toneladas (no Rio Grande do Sul. Estamos com 22 milhões de toneladas). Se der duas safras boas, não temos capacidade de exportação, não tem terminais para exportar. Então, tem muita coisa boa acontecendo nesse Estado, só que temos que valorizar e potencializar.

JC – Diversos ramos do cooperativismo colaboraram na crise...

Hartmann – O trabalho que a Cootravípa fez na limpeza de Porto Alegre... É uma cooperativa. As cooperativas de transporte, colocando os veículos a disposição, foi um trabalho belíssimo feito nesse período. A questão da Saúde, que fez o trabalho de disponibilização das centrais de medicamentos. As de Crédito, que estão dobrando o valor, cada real que é doado, é doado mais um real pelas cooperativas de crédito, o Sicredi está aportando para fazer a reconstrução do Estado.



O Vale do Taquari e o Vale do Jacuí têm cooperativas de infraestrutura que sofreram muito com o impacto das cheias

JC – Qual é o aprendizado que a sociedade como um todo pode pegar no cooperativo?

Hartmann - Esse desastre climático ensinou uma questão fundamental: temos que buscar uma cooperação maior, temos que repensar nossas atividades, pensar, fazer diferente, fazer novo, entender que precisamos trabalhar mais com cooperação. Cooperação entre todos os setores, olhar mais as nossas convergências e minimizar nossas divergências. Muitas vezes potencializamos os 10% que temos de divergências, esquecendo de olhar os 90% que nos convergem. E olhar o Rio Grande como um todo, com cooperação e com muita vontade de trabalhar vamos reerguer esse Estado, tenho absoluta convicção disso. E vamos ter um Estado muito melhor preparado e muito mais tecnológico. Vamos sair em uma nova era de desenvolvimento. Mas vai depender de nós todos, integrados, temos condição de (fazer) emergir esse Estado. O sistema Ocergs está se colocando à disposição do governo do Estado para a reconstrução.

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Hartmann observa que as cooperativas de crédito estão presentes fisicamente em todo o Estado

Saúde

Cooperativas gaúchas do setor de saúde seguem em expansão

Expectativa é que crescimento seja mantido neste ano; cooperativas dominam segmento de planos assistenciais no RS

Mesmo diante da crise gerada pelas enchentes que destruíram cidades em todo o Estado, a Unimed Porto Alegre mantém a expectativa para 2024 de crescer cerca de 2% da carteira e conquistar um aumento da receita líquida de aproximadamente 12%. “O ano de 2023 foi bastante desafiador para a saúde suplementar em todo o Brasil. No entanto, a Unimed Porto Alegre atingiu as suas metas e, conseqüentemente, aumentou a sua carteira de clientes, além de realizar investimentos para manter a excelência do atendimento. E 2024 não deve ser diferente, pois estamos trabalhando arduamente para minimizar impactos e mantermos o crescimento da cooperativa até o final do ano”, afirma o presidente do Conselho de Administração da Unimed Porto Alegre, Márcio Pizzato.

Segundo ele, a Unimed Porto Alegre lidera o mercado de assistência à saúde em sua área de atuação, operando em 46 municípios do Estado, com mais de 640 mil beneficiários e 310 pontos de atendimento entre serviços credenciados e próprios, o que constitui a maior estrutura em prestação de serviços à saúde dentro de sua área de abrangência. “A cooperativa conta com aproximadamente 6,8 mil médicos e tem estrutura própria para atendimento ao cliente, que inclui Centros de Diagnóstico por Imagem, Centro de Oncologia e Infusão, prontos-atendimentos, Clínicas de Vacinas, Espaços Viver Bem, Unidade de Atendimento Pediátrico e SOS Emergências Médicas.”

Em meio a um cenário de tragédia, como o que marcou o mês de maio no Rio Grande do Sul, em função das enchentes que ceifaram vidas e deixaram milhares de pessoas



Pizzato lembra que desabrigados precisaram de assistência médica

desabrigadas e, muitas delas, doentes, a assistência médica e psicológica foram ainda mais urgentes. Nesse contexto, a Unimed Porto Alegre entrou em contingência em algumas unidades, priorizando o atendimento de emergência. Para tal, disponibilizou, de forma gratuita, para mais de 650 mil clientes, uma plataforma online de acolhimento relacionado à saúde mental e emocional e, quando necessário, encaminhando para médicos. “Vivemos uma catástrofe sem precedentes em nosso Estado e no País e nossa união e solidariedade foram e são fundamentais para cuidarmos e auxiliarmos quem mais precisa. O momento ainda é de emergência e nossas equipes estão direcionadas para esse foco”, afirma Pizzato.

Segundo ele, desde o início da catástrofe, a cooperativa atuou na linha de frente com iniciativas como o Comitê de Crise da Unimed Porto Alegre para o monitoramento dos impactos na estrutura própria, rede prestadora, nossos médicos cooperados, colaboradores e clientes. Além disso, as equipes do SOS Unimed atuaram em áreas protegidas para atender emergências, fornecendo apoio ao deslocamento para hospitais em colaboração com a Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre e

o Samu. “A cooperativa disponibilizou equipes para apoiar demandas da Uniair (transporte aeromédico da Unimed RS) nos casos de necessidades de remoção, além de equipes nos três pontos estratégicos de resgate. Em conjunto com o Instituto Unimed RS, doamos água potável para a Defesa Civil do Estado e kits de higiene pessoal para os desabrigados”, informou Pizzato.

A Unimed Porto Alegre também comprou colchões e cobertores, que foram entregues em abrigos, produziu pulseiras de identificação de crianças e idosos alojados nos abrigos e auxiliou na evacuação e remoção dos pacientes do Hospital Mãe de Deus, que precisaram ser transferidos para outras instituições de saúde em função do alagamento e falta de energia. “Também cedemos temporariamente ao Exército Brasileiro a estrutura física de um prédio de nossa propriedade e estacionamento na cidade de Guaíba para a instalação do Núcleo de Apoio Logístico para as tropas com missões de apoiar as cidades mais afetadas pelas enchentes, em vários pontos da região”, disse o presidente. Segundo ele, a própria cooperativa foi atingida, com perdas em duas unidades assistenciais que foram totalmente impactadas pelas águas.

Uniodonto prevê incremento de 10% em seus números

Negócios voltados ao atendimento odontológico esperam repetir resultados registrados no exercício do ano passado no Rio Grande do Sul

A Uniodonto Porto Alegre teve graves prejuízos em uma de suas sedes localizada no bairro São Geraldo, no Quarto Distrito, em Porto Alegre e agora está num momento de reorganização. Mas, mesmo assim, se mantém otimista em relação às projeções para 2024.

“Nossa intenção é repetir os números de 2023, quando tivemos aumento de beneficiários e de receita na ordem de 10%”, afirma o presidente da Uniodonto, Irno Augusto Pretto.

Segundo ele, a cooperativa precisou parar com todas as operações, pois foi severamente alagada, com 1,80 metro de água no térreo e impossibilidade de subir ao primeiro andar da sede, além da falta de energia elétrica.

“Tivemos que cancelar

projetos como a campanha de prevenção do câncer bucal, que ocorre durante o Maio Vermelho e que seria no dia 31 daquele mês.” Além disso, a cooperativa precisou cancelar aulas do MBM Company para os cooperados, os dentistas e colaboradores. “Só vamos retomar as aulas de forma presencial, em julho.”

Pretto diz que o momento ainda é de reestruturação, com a recuperação dos equipamentos que foram danificados pela enchente e a realização da transferência de todo o sistema para nuvem.

“Para que não sejamos atingidos novamente, seja por falta de luz, ou de água. Agora, na retomada, reunimos a diretoria e estamos com uma nova equipe para fazer captação de novos associados, cooperados, para prestar serviços em áreas que foram atingidas, mesmo as outras, para nós termos estarmos mais próximos aos beneficiados.”

O presidente diz que foi feito um adiantamento de R\$ 5 mil aos profissionais de áreas atingidas.



Pretto conta que alguns projetos foram suspensos em maio

Depois de ter feito força-tarefa na crise, cooperativa atua na assistência às vítimas das enchentes

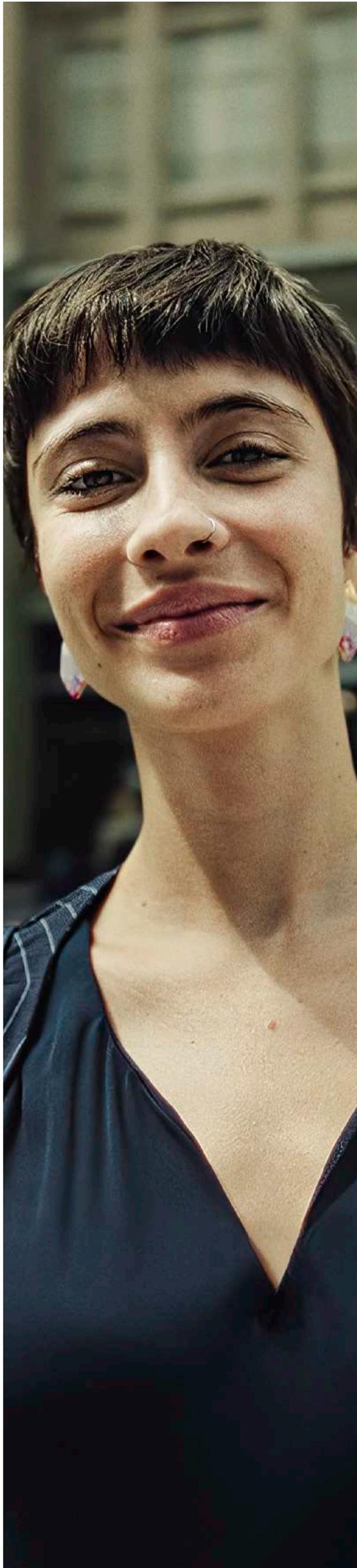
Desde que iniciou a crise climática, que devastou centenas de cidades gaúchas, durante o mês de maio no Estado, a Unimed Rio Grande do Sul iniciou uma força-tarefa para ajudar as vítimas das enchentes a reconstruírem suas vidas: seja cuidando da saúde das pessoas,

seja arrecadando e distribuindo doativos. Uma das primeiras medidas foi o lançamento, pelo Instituto Unimed/RS, da campanha RS em Emergência, que ganhou adesão de diversas Unimeds de diferentes regiões do Brasil, além de empresas parceiras e pessoas físicas.

“A campanha arrecadou e distribuiu, com o apoio da Unimed Central de Serviços, expressiva quantidade de recursos, como 173 mil litros de água mineral, sete toneladas de alimentos, medicamentos, agasalhos, cobertores, entre outros”, afirma o vice-presidente

de Integração e Relações Estaduais da Unimed Federação/RS, Jorge Martines. O Sistema também disponibilizou teleassistência em saúde para toda a população, oferecendo atendimento adulto, pediátrico e psicológico. “Foram mais de 2 mil atendimentos gratuitos, em 30 dias.

Além disso, a Uniair, empresa de transporte aeromédico do Sistema, atuou em bases aéreas de Eldorado do Sul e Águas Claras, realizou inúmeras remoções, ajudando a salvar vidas”, afirma o presidente do Instituto Unimed-RS, Alcides Mandelli Stumpf.



NÃO É SÓ
UMA DATA
NO CALENDÁRIO.

É UM
PROPÓSITO.

6 de julho.
Dia Internacional do Cooperativismo.

Desde 1902, o impacto positivo onde atuamos é uma consequência do nosso modelo de negócio. Cooperar com o comércio local, apoiar mais de 8 milhões de associados em todo o Brasil e ser solidário são valores que vão além da data de hoje e fazem parte do nosso dia a dia, ao longo de toda a história do Sicredi. Cooperar é somar para multiplicar.

Não é só dinheiro.
É ter com quem contar.

sicredi.com.br



Crédito

‘Propósito do cooperativismo de crédito é ajudar a sociedade’

Diante do cenário desafiador enfrentado no Rio Grande do Sul, empresa se firma junto ao cooperativismo

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

A Icatu, considerada a maior seguradora independente do Brasil em vida, previdência e capitalização, tem uma parceria de mais de 25 anos junto aos sistemas cooperativos. A empresa mantém a previsão de fechar o ano em 2024, movimentando no segmento de seguro de vida, na Região Sul, R\$ 2,8 bilhões e de redobrar o trabalho em função da maior

tragédia climática no Rio Grande do Sul e que prejudicou os negócios. De acordo com César Saut, vice-presidente corporativo da Icatu, diante deste cenário desafiador para os gaúchos, existe uma grande relação da empresa junto ao cooperativismo de crédito, ajudando no desenvolvimento do Estado. Ele acredita que o mercado de seguro de vida e previdência irão crescer muito.

“O propósito do cooperativismo de crédito é desenvolver uma sociedade, ao passo que uma entidade de seguros, como a Icatu é proteger a sociedade”, destaca o dirigente, explicando a relação da Icatu com as cooperativas de crédito. O dirigente detalha que, independente das tragédias vividas pela pessoas,

as relações, tanto da Icatu, como do cooperativismo de crédito vão crescer de modo irreversível. “Elas se complementam para dar proteção, preservação e para promover o desenvolvimento da sociedade”, afirma.

Em relação ao mercado de seguro de vida e previdência no Brasil, o dirigente explica que será ainda muito mais promissor no futuro. O volume total de reserva de previdência, no País, de acordo com ele, há bastante tempo, superou a casa de R\$ 1 trilhão. Saut projeta que essas reservas irão continuar crescendo em uma proporção alta. O mesmo também deve ocorrer com faturamento na área de seguro de vida, com crescimento em uma proporção alta.



JONAS ADRIANO/DIVULGAÇÃO/JC

Saut acredita que o mercado tem potencial para crescer na região

Relação mais próxima

Em relação à tendência do cooperativismo no Brasil, Saut diz que há uma disposição colaborativa crescente e também irreversível. “Eu, inclusive, estou indo, neste mês de julho, para participar de um congresso de cooperativismo em Boston, nos Estados Unidos, e, em agosto, participarei de outro evento com foco nesta área, desta vez, em Belo Horizonte (MG), onde eu vou ser um dos palestrantes no 15º Congresso Brasileiro de Cooperativismo de Crédito

(Concred). Então, esse tema voltado ao cooperativismo vem crescendo e está muito próximo da Icatu.”

“Quando a gente coopera, a gente constrói uma sociedade mais justa e mais próxima e próspera”, destaca o dirigente, com base no lema da empresa. Saut lembra que, devido a essa proximidade com as cooperativas de crédito, surgiu também mais um braço de negócios na empresa, denominado com a marca Icatu Coopera, criada há cerca de sete anos.

Cenários desafiadores

Saut destaca o importante papel desempenhado pelas cooperativas. “Independente de qualquer catástrofe que venha a se estabelecer no mundo, as cooperativas, pelas suas atribuições, traduzem em si, o papel da sociedade civil organizada, estabelecendo na prática a essência do mutualismo organizado”, comenta. Ele cita que as primeiras respostas às necessidades das pessoas nos

momentos de tragédias são dadas pelas iniciativas ágeis das cooperativas.

O dirigente também salienta que o cooperativismo, neste período de catástrofe no Rio Grande do Sul, deu um show, não de solidariedade, mas de empatia. “Elas ficaram abertas durante todo o tempo e viraram centros, distribuindo alimentos e disponibilizando colaboradores e traduzindo a força de um mutualismo organizado.”

Empresa está ao lado das cooperativas

“A Icatu, como uma seguradora 100% brasileira, tem um compromisso muito forte com a sociedade. Ela é uma seguradora de pessoas e se mantém ao lado das cooperativas parceiras, colaborando nesta missão”, detalha.

Saut explica que a Icatu, por um lado, ajudou a neutralizar os efeitos da enchente e, por outro,

auxiliou na reconstrução daquilo que era possível.

“Mas, as cooperativas, de uma forma ampla, e principalmente as que operam na área de crédito, estão fazendo uma diferença absurda para amenizar os problemas das pessoas e também para ajudar na reconstrução do Rio Grande do Sul.”

Comportamento de mercado

Saut explica que, no auge de uma crise, como no período da pandemia da Covid-19, ou agora nessa catástrofe climática no Rio Grande do Sul, o mercado pode ficar relativamente parado e a atividade econômica prejudica, mas, como decorrência desses cenários, as pessoas saem mais previdentes, porque elas não querem mais passar por aqueles riscos novamente.

“Óbvio que muitas pessoas abdicaram do consumo para aumentar as reservas e melhorar um pouco o

seu próprio sistema de proteção ou de terceirização de risco. Então, deste modo, o Brasil está passando por um processo de transição”, detalha.

Saut diz que diante de tais cenários, o seguro de vida está cada vez mais presente. Ele comenta que as dificuldades vividas, de modo direto ou indireto, acabam provocando uma reflexão nas pessoas, gerando uma tendência para tomada de uma solução previdente.

“O Brasil está passando por essa transição e as pessoas têm a

intenção de fazer reserva de previdência. Essas reservas irão continuar crescendo em uma proporção alta. E o faturamento na área de seguro de vida também irá continuar crescendo em uma proporção alta, porque as pessoas estão mais previdentes”, analisa.

Ele cita que o Brasil apresentará um mercado cada vez maior nas áreas de seguro e previdência e também deverá ocorrer um aumento nos movimentos sociais sem volta.

Jornal do Comércio 91
O jornal de economia e negócios do RS

Informação confiável na palma da sua mão

Escaneie o QR Code e siga o canal do JC no WhatsApp para receber as principais notícias



Escaneie o QR Code e faça parte do Canal do JC.



Cooperar é

CRESCER JUNTO.



Ao escolher a Unicred, você cuida da sua saúde financeira enquanto contribui para a prosperidade de todos.

AS SUAS ESCOLHAS VALORIZAM O FUTURO

Seja qual for a sua escolha, a Unicred tem soluções financeiras que apoiam o seu futuro e o de milhares de pessoas.

AS SUAS ESCOLHAS VALORIZAM A COOPERAÇÃO

Com o cooperativismo você contribui com o desenvolvimento coletivo da sociedade.

Comece a sua jornada rumo à saúde financeira.

Saiba mais em



06/7 a 12/7

#SEMANADOCOOPERATIVISMO

somoscoop

UNICRED



Dia Internacional do Cooperativismo

6 de julho de 2024

Crédito

Cooperativas do crédito têm incremento de 29,3% em faturamento

Ramo puxou o crescimento de receita entre as cooperativas do Rio Grande do Sul no ano passado

As associações de crédito são o ramo do cooperativismo que mais cresce no Estado. Conforme balanço divulgado em junho pela Ocergs/Sescoop-RS o setor teve incremento de 29,3% em faturamento, saltando de R\$ 18,3 bilhões em 2022 para R\$ 24,2 bilhões, em 2023.

Para o presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, o crescimento das entidades de crédito está diretamente relacionado ao desenvolvimento regional, pela possibilidade de impulsionar as localidades onde as cooperativas atuam. “Tem cada vez mais pessoas conhecendo o cooperativismo de crédito e por isso tem aumentado a procura, especialmente por parte de pessoas físicas. No caso do Sicredi, verificamos um crescimento de 20% a 25% ao ano, o que é muito bom, ainda mais quando a gente olha o crescimento do PIB do País.”

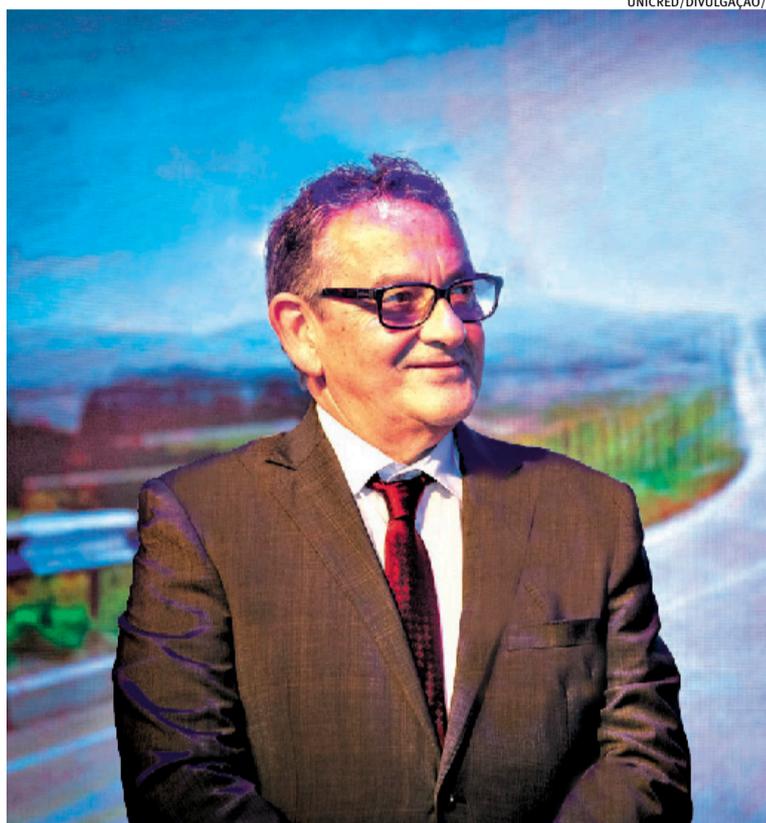
Segundo ele, mesmo com o cenário de tragédia e crise que se abateu sobre o Estado, desde que iniciaram as enchentes, em abril deste ano, a tendência é de que o Sicredi mantenha a tendência de crescimento que vem apresentando ano após ano. Num comparativo entre maio de 2023 com maio de 2024, houve um incremento de 11% em faturamento, saltando de R\$ 120 bilhões contabilizados em 2023 para R\$ 133 bilhões, em 2024. “Nesse ritmo, podemos chegar a um crescimento de 23%, em 2024. Considerando que o PIB não cresce quase,

no Estado e no País, então é um grande crescimento”, avalia Port.

Em relação às sobras, o aumento também foi expressivo, chegando a 26%: em 2022 foram contabilizados R\$ 2,7 bilhões em sobras, já no ano passado esse montante chegou a R\$ 3,5 bilhões.

Conforme o presidente do Conselho de Administração da Unicred Central Geração, Antônio César de Oliveira Cé, a cooperativa encerrou o ano de 2023 com um total de 96.265 cooperados, quase 30% a mais do que o observado ao fim de 2022. Além disso, no último ano, foi registrado crescimento de 21,41% na carteira de crédito, 29,44% no capital social e 26,08% em ativos. “Hoje, já atingimos pela primeira vez na história a marca de 100 mil cooperados na Central Geração, algo muito relevante para todos nós e nossos cooperados”, afirma Cé.

O presidente da Confederação Cresol, Cledir Magri, afirma que, em termos de faturamento, a cooperativa fechou 2023 com o resultado de R\$ 502,6 milhões, bem como ativos totais de R\$ 31,3 bilhões, depósitos totais de R\$ 15,5 bilhões e carteira de crédito total de R\$ 23,8 bilhões. “Temos uma perspectiva de seguir crescendo neste ano, apesar dos inúmeros desafios. Crescemos em 30% no número de cooperados, com 900 mil e caminhamos para chegar a 1 milhão ainda em 2024. Para Magri, o atual cenário é bastante desafiador, no campo econômico, político e climático e o papel do cooperativismo é essencial em momentos como esse. Funciona como uma engrenagem de desenvolvimento social, no qual os recursos captados pelas cooperativas são destinados para pessoas da própria



Cé celebra a marca de 100 mil cooperados na Unicred Central Geração

comunidade, fazendo com que ela se desenvolva e gere mais recursos, que permanecem na comunidade, gerando o círculo virtuoso. A Cresol expandiu sua presença, inaugurando 125 novos pontos de atendimento, com 99 agências, 18 salas de negócios e oito unidades da Cresol Conecta, uma agência digital.

Durante o auge da crise, além do apoio aos associados, as cooperativas se voltaram para ações de voluntariado: o Sistema Unicred, através do Instituto Unicred, realizou uma campanha para arrecadação de recursos como forma de auxiliar as famílias impactadas pelas chuvas. A ação foi aberta para o público geral e buscou arrecadar recursos

financeiros para o atendimento das necessidades mais emergentes das regiões afetadas, auxiliando na recuperação das cidades e no acolhimento das famílias atingidas. “Também buscamos permanente alinhamento com prefeituras, defesa civil e governo do Estado para identificar o que era mais importante, urgente e essencial em termos de arrecadação de recursos. “Água e materiais de higiene e limpeza foram nossas primeiras doações. Logo na sequência, com a chegada do frio mais intenso, mapeamos a necessidade de doarmos cobertores. Também alinhamos com os órgãos competentes sobre os pontos de distribuição mais estratégicos

para que esses produtos pudessem chegar com mais rapidez nas comunidades que necessitavam”, detalha Cé. O presidente do Sicredi, Márcio Port, afirma que a mobilização foi grande no sentido de organizar a distribuição dos donativos e também através de doações via pix, as quais a cada doação se dobrava o valor, até arrecadar R\$ 22 milhões. “Nós colocamos mais R\$ 110 milhões”, sublinha.

A Cresol também se mobilizou para auxiliar as comunidades atingidas, tanto para público interno como externo. “Aos nossos colaboradores, realizamos campanhas internas para arrecadar valores aos atingidos pelas enchentes, com auxílios financeiros, psicológicos e estruturais para tentar amenizar os impactos, além da antecipação da primeira parcela do 13º salário.”

Além disso, promoveu campanhas nacionais para arrecadação e doações de alimentos, água, vestimentas, itens de higiene, entre outros. “Tivemos muitos dos nossos colaboradores na linha de frente nos locais atingidos, ajudando nos resgates de pessoas e na destinação das doações.” Para os cooperados, foram implementadas medidas como a possibilidade de prorrogação de parcelas ou refinanciamento com condições diferenciadas, a disponibilização de linha de crédito emergencial para pessoa física e jurídica, com carência estendida e taxa reduzida, suspensão de negativas por 60 dias, entre outras medidas.

A cooperativa conta ainda com linhas de crédito emergenciais com carência estendida, taxa reduzida e outras condições: para os cooperados Pessoa Jurídica, há disponibilização de Créditos de Repasse, com prorrogações alinhadas com portarias lançadas por BNDES, Fungetur, Finep e demais parceiros da Cresol, proporcionando um alívio financeiro essencial para a continuidade das atividades empresariais.

Especialista destaca papel do segmento na reconstrução do Rio Grande do Sul

As cooperativas de crédito estão entre os setores mais demandados, durante a crise desencadeada pela catástrofe climática, pela alta procura por linhas de crédito, seja por parte de empresas ou pessoas físicas. Conforme a sócia da PWC Brasil, especialista em serviços financeiros e líder do Centro de Excelência para Cooperativas de Crédito, Elisa Simão, esse ramo do cooperativismo é essencial no processo de reconstrução e retomada econômica do Rio Grande do Sul.

“A oferta de linhas de crédito é

bem variada, a começar pelo Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe Solidário) que teve alta adesão. Com ele, as cooperativas podem auxiliar ainda mais no desenvolvimento e fortalecimento de operações, além de dar um respiro para o capital de giro das empresas gaúchas, extremamente impactadas pelas enchentes ocorridas no Estado”, disse a especialista.

Para ela, as cooperativas de crédito têm uma grande vantagem em relação às instituições financeiras

tradicionais que é a presença em 98% dos municípios do Rio Grande do Sul. Essa capilaridade faz com que elas tenham maior proximidade e conhecimento sobre o perfil de crédito de seus cooperados, de forma a se destacar pela agilidade no atendimento e no processo de análise e liberação de crédito.

“O grande diferencial está no papel que desempenham na transformação socioeconômica, já que conseguem chegar e ofertar produtos e serviços financeiros em localidades onde a disponibilidade de

atendimento pelo sistema financeiro tradicional é baixa”, avalia.

Elisa destaca ainda uma série de medidas tomadas pelas cooperativas para auxiliar pessoas e empresas atingidas pelas enchentes: bloqueio temporário de protestos e negativas automáticas de títulos, postergação de vencimento de parcelas de créditos tomados por cooperados, isenção, por três meses, das taxas de desconto e cobrança de aluguel de máquinas de cartão de crédito e débito utilizadas em estabelecimentos comerciais de

associados PJ e ainda linhas de crédito especiais a pessoa física, crédito rural, imobiliário e renegociação de dívidas. Segundo ela, caso essas medidas não tivessem sido tomadas no curto prazo, as cooperativas de crédito e demais instituições financeiras que tivessem a necessidade de renegociar as dívidas de seus cooperados devido às enchentes, seriam alvo de aumento dos seus índices de provisionamento para créditos de liquidação duvidosa e, por consequência, de destaque de capital.



UNIDOS PELA FORÇA DA
cooperação, DA
superação E DA
transformação.

Somos a expressão viva de uma visão coletiva, do sonho da agricultura familiar, e de uma história que, ao longo de quase cem anos, segue sendo contada em cada produto que chega aos lares brasileiros.

Somos, com muito orgulho, a maior cooperativa vitivinícola do Brasil.

VINÍCOLA
AURORA

somos
CCOP

Crédito

Presidente do Sicredi projeta um crescimento de 23% em 2024, mesmo diante da crise pós-enchente no RS

Ana Esteves

Apesar das dificuldades enfrentadas no Estado após as enchentes que geraram perdas gigantescas em diversos municípios gaúchos, o presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, aposta num ano de crescimento em termos de faturamento, na margem dos 23%, diante dos resultados positivos alcançados nos cinco primeiros meses do ano, quando foi registrado incremento de 11% no volume administrado, saltando de R\$ 120 bilhões para R\$ 133 bilhões, num comparativo com o mesmo período do ano passado.

O bom momento do Sicredi se deve, na opinião do dirigente, à grande capilaridade que a cooperativa tem no Estado, presente em 97% dos municípios gaúchos e a sua atuação com operação de linhas de crédito, especialmente do Crédito Rural para a Agricultura Familiar, carro-chefe da associação.

Segundo Port, no último Plano Safra, 45% dos contratos feitos no Estado foram pelo Sicredi. Durante a pandemia, pelo fato de as agências terem se mantido abertas, a cooperativa cresceu 40% no ano, depois a alta desacelerou para 30% e ficou em não menos do que 25% de lá para cá.

O presidente também atribuiu esse crescimento ao incremento no número de associados pessoa física verificado nos últimos anos. “As pessoas descobriram as vantagens cooperativas de crédito, da possibilidade de o dinheiro aplicado voltar para a comunidade e para o próprio associado, na forma de sobras”, avalia.

Jornal do Comércio - De que maneira a tragédia climática que acometeu o Estado em maio impactou o Sicredi?

Márcio Port - Na cooperativa em si os impactos foram mínimos: algumas agências fechadas por alagamento, falta de energia ou eventualmente por colaboradores que não conseguiram chegar ao local do trabalho. O maior impacto veio da parte dos nossos associados. Temos uma grande capilaridade e agências espalhadas por todo o Estado, nas regiões gravemente atingidas como o Vale do Taquari, da Serra. Foi uma grande quantidade de pessoas que perderam suas casas, empresas, seu sustento. Elas são o nosso maior foco da preocupação, e essas



Em maio de 2024, estávamos com 2,6 milhões de associados, então, aumentou 100 mil associados nos primeiros cinco meses

pessoas esperam de nós uma ação proativa para reconstrução.

Jornal do Comércio - E quais foram as principais medidas da cooperativa para socorrer as vítimas das enchentes?

Port - Para que as pessoas conseguissem superar esse momento difícil de uma forma mais rápida, demos todo apoio nos abrigos, com colaboradores atuando como voluntários, doações financeiras, de produtos como colchões, alimentos. Organizamos centros de distribuição. Chegou um momento em que estavam vindo muitas carretas de outros estados com doações e eles não sabiam para onde levar. Então organizamos isso também dentro do Sicredi, justamente pela grande capilaridade que temos. Vieram 42 carretas da defesa do civil do Paraná que chegaram em Santa Cruz do Sul, bem na véspera de ter uma segunda onda de chuva e não conseguiam descarregar porque o centro de distribuição da cidade estava lotado. As doações chegavam sem saber para onde ir, se tinha local para descarregar e nós conseguimos organizar e essas carretas foram para Caxias, Teutônia, Gravataí. Também ajudamos com doações via pix, as quais a cada doação nós dobrávamos e chegamos a arrecadar R\$ 22 milhões e colocamos mais R\$ 110 milhões.

JC - E como foi a atuação do Sicredi no que se refere às linhas de crédito?

Port - Temos o Pronampe, que ganhou essa roupagem nova com subvenção, que é o governo pagando uma parte da operação de crédito de 40%. São R\$ 30 bilhões do governo federal, só, que desse montante, R\$ 2,5 bilhões têm subvenção. Então, tem muita gente que acha que o Pronampe vai salvar as empresas, mas menos de 10% dos tomadores

das empresas vai ter a subvenção, os outros 90% vão pagar a taxa de juros que é a taxa Selic, mais 3% ao ano, com prazo de 72 meses, mas não vão ter o rebate. Por ter esses 40% de subvenção, ela acabou muito rapidamente nos bancos públicos e nós também já estamos com ela esgotando. Abrimos em meados de junho e os R\$ 500 milhões que disponibilizamos duraram uma semana. Além do Pronampe, tem outras linhas de crédito que também são bem atrativas: o crédito solidário do BNDES que tem com taxa de juros só o IPCA, o que o torna bem atrativo, ou seja 4% ao ano de taxa de juros. Nós temos operado várias linhas de crédito para o produtor rural e para empresas, mas infelizmente não vieram linhas de crédito para pessoa física que hoje precisa de uma casa inteira. Vieram os auxílios, mas poderia ter uma linha de crédito com subsídio para reconstrução. Só o Sicredi tem R\$ 17 bilhões de recursos disponíveis para empresas, mas até agora está alocado só R\$ 1 bilhão, pois, por enquanto, o foco maior tem sido o Pronampe.

JC - Qual a perspectiva do setor quanto ao ano de 2024, diante da crise gerada pelas enchentes?

Port - Comparando maio de 2023 com maio de 2024: no ano passado, no Rio Grande do Sul, nós éramos dois 2,5 milhões de associados e havia 662 agências no Estado e o volume administrado pelo Sicredi era de R\$ 120 bilhões. Em maio de 2024, estávamos com 2,6 milhões associados, então aumentou 100 mil associados nos primeiros cinco meses do ano. São 674 agências, ou seja, mais 12 inaugurações e o volume administrado chegou a R\$ 133 bilhões, crescimento de 11% em cinco meses. Nesse ritmo, podemos chegar a um crescimento de 23%, em 2024. Considerando que o PIB não cresce quase, no Estado e no País, então é um grande crescimento. E por que o Sicredi é tão grande no Estado? Temos uma grande capilaridade, presentes em 97% dos municípios gaúchos. Somos grandes no Crédito Rural, especialmente para Agricultura Familiar, além de uma força muito grande com pessoa jurídica também. No último plano safra, 45% dos contratos feitos no Estado foram pelo Sicredi. Durante a pandemia, pelo fato de as agências terem se mantido abertas, chegamos a crescer 40% no ano, depois baixamos para 30% e não menos do que 25% de lá para cá.



MARCO BREHMES/DIVULGAÇÃO/JC

“No último Plano Safra 45% dos contratos foram do Sicredi”, diz Port

JC - E mesmo com esse cenário catastrófico se mantém essa expectativa de crescimento de mais de 20% neste ano?

Port - Sim e pode ser até maior. Claro, temos esse contexto que é difícil mensurar quantos produtores perderam a safra, quantos vão conseguir plantar, porque a gente tem terra arrasada pelo Estado afora, com problema de solo gravíssimo. Além disso, tem essa questão da perda do PIB do Estado. Mas a tendência é crescer, mesmo que pouco e não acredito que vá cair.

JC - E qual o papel das cooperativas numa situação de catástrofe como estamos vivendo?

Port - Vou dar como exemplo o que aconteceu na Pandemia de Covid-19: nós fomos um dos grandes repassadores de Pronampe na época, pois é comum, em épocas de crise, de recessão, de tragédia, os bancos se recolherem e se manterem mais cautelosos, para não perderem por risco de inadimplência. Aí, quem faz a diferença é a cooperativa, pois ela conhece o cliente, o mercadinho,

sabe que eventualmente os números de balanço dele não são tão bons, mas que é fase. A cooperativa conhece os empreendimentos e sabe das reais dificuldades deles, especialmente na crise. Eu conhecia o prédio do cliente antes da enchente e sei do estado que está agora e do que ele precisa. Essa proximidade faz toda a diferença, pois sabemos da idoneidade e do caráter dos nossos associados.



É difícil mensurar quantos produtores perderam a safra, quantos vão conseguir plantar, porque tem terra arrasada pelo RS



ACOMPANHE O MAPA ECONÔMICO DO RS EM 2024

O Jornal do Comércio investigou a fundo a economia do Rio Grande do Sul ao longo de 2023, e em 2024 o projeto será expandido, com a realização de eventos regionais em novas cidades, destacando o progresso em diferentes áreas do Rio Grande do Sul. Além de fornecer indicadores econômicos cruciais para decisões estratégicas, esta nova temporada explorará **"iniciativas para impulsionar a recuperação econômica e soluções para uma economia em constante transformação"**.



1. Região Norte, Noroeste, Missões e Alto Jacuí
 Evento em Erechim: 18/07
 Caderno: 29/07

No dia 18 de julho às 17h30, estaremos em Erechim, na **ACCIE | Associação Comercial, Cultural e Industrial de Erechim**, para realizar o 1º evento de 2024, reunindo as principais lideranças empresariais das regiões Norte, Noroeste, Missões e Alto Jacuí.



Inscrição pelo QR Code



2. Região da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí
 Evento em Bento Gonçalves: 15/08
 Caderno: 20/08



3. Região Sul, Campanha e Fronteira Oeste
 Evento em Rio Grande: 17/09
 Caderno: 24/09



4. Região Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí
 Evento em Santa Maria: 17/10
 Caderno: 22/10



5. Região Metropolitana, Litoral e Vale dos Sinos
 Evento em Porto Alegre: 19/11
 Caderno: 25/11

Agronegócio

Dificuldades devem ser enfrentadas com cautela

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Gestões responsáveis, conservadoras e profissionalizadas são referência das cooperativas com negócios ligados à agropecuária no Rio Grande do Sul para enfrentar turbulências, reverter crises ou mesmo sustentar patamares já alcançados de eficiência. Nesse ambiente volátil, em que um movimento pode definir sucessos ou fracassos para toda uma comunidade de associados, a cautela e o planejamento são mantras inegociáveis. E é com base neles que o setor pretende colher resultados sustentados e auxiliar o Estado na missão de reconstrução após a devastação provocada pelas chuvas do final de abril e boa parte de maio.

É assim na Cotrijal, de Não-Me-Toque, na Santa Clara, de Carlos Barbosa, com 4,8 mil associados, e também na Languiru, com sede em Teutônia, que tenta sair da difícil situação financeira em que se encontra. O esforço é para tranquilizar os mais de 5,3 mil produtores, dos quais apenas 30% entregam a produção de leite de forma regular, atualmente.

Situada no Norte do Estado, a Cotrijal concentra esforços na produção, armazenagem, industrialização e comercialização de grãos e insumos. Com 16 mil associados, atua em 53 municípios e faturou no ano passado R\$ 5,4 bilhões, com mais de R\$ 140

milhões em sobras e lucro líquido. Desse montante, R\$ 124 milhões foram investidos em melhorias para o atendimento ao produtor, sendo R\$ 95 milhões em estruturas para armazenagem de grãos, fertilizantes e novas tecnologias para o campo.

Com 78 unidades de recebimento de grãos, a cooperativa teve algumas delas afetadas pelas enchentes, mas não interrompeu suas atividades. Para o presidente, Nei César Manica, é a hora de o governo federal aportar recursos, inclusive a fundo perdido, para que o Rio Grande do Sul possa se reerguer em três a quatro anos.

“É o papel do governo em situações de catástrofe. Se depender só do nosso esforço, vamos levar muito tempo. Tem estradas, tem empresas. Tudo isso que aconteceu mexe na economia. Com ajuda federal, vamos nos reconstruir mais rapidamente”, afirma o dirigente.

No Vale do Taquari, a Languiru, com dívida superior a R\$ 1 bilhão, fez a virada de chave há um ano, quando ocorreu a renúncia da administração anterior, que esteve à frente dos negócios por mais de duas décadas. E, agora, em meio a um processo de Liquidação Extrajudicial em Continuidade de Operação, trabalha para encolher de tamanho, pagar dívidas, valorizar ativos rentáveis e retomar a força e o vigor de quando foi fundada, em novembro de 1955.

Além dos movimentos de

mercado que levaram ao endividamento no passado, novos obstáculos se postaram pelo caminho com as estiagens e chuvas excessivas ocorridas desde o ano passado na região. E, na enxurrada de abril e maio, o impacto sobre a cooperativa foi grande.

Mas conforme o presidente-liquidante Paulo Birck, a retomada no setor cooperativo agropecuário pode ajudar na recuperação do Rio Grande do Sul pós-catástrofe. A vocação agropecuária do Estado, principal motor da economia, dialoga largamente com as cooperativas, em especial ligadas às cadeias da proteína animal, que lida com médios e pequenos produtores em regime de economia familiar. É preciso, então, fomentar o setor. Permitir a retomada das cooperativas e dos agricultores familiares é condição para milhares de famílias retomarem o sustento e girar toda a cadeia do agronegócio envolvida, antes e depois da porteira, alcançando um grande número de trabalhadores e empresas.

“Temos visto a mobilização dos poderes públicos municipais, estadual e federal, sinalizando que se houver vontade, será possível. Agora, é importante reforçar, tanto para o auxílio governamental quanto da sociedade civil, com doações e suporte: levaremos tempo para nos reerguer. Os problemas, as mazelas, os danos dessa catástrofe repercutirão por muitos anos.” No caso da Languiru, acrescenta o dirigente, é preciso dar aos



Presidente da Languiru, Birck quer apoio para reerguer cooperativa

produtores prejudicados pelas chuvas as condições para voltarem a produzir, auxiliar a recomposição dos plantéis e das estruturas danificadas.

Assim como representantes de outras entidades do mesmo segmento, Birck defende que o Estado brasileiro repense a política agrícola, especialmente sobre o seguro agrícola. Entre as demandas recorrentes estão a criação de um plano de refinanciamento das dívidas, tanto para os agricultores quanto para as cooperativas agrícolas, e linhas de crédito com largo período de carência e taxas de juros baixas, talvez a fundo perdido, para a reconstrução. “Mas que também é necessário melhorarmos os mecanismos para liberação destes recursos, para que de fato eles cheguem

aos produtores e cooperativas que estão em dificuldade e endividados. Falta uma política pública forte, que venha para resolver esses problemas. Sozinhos, nossos produtores e cooperativas terão muita dificuldade.”

Em meio à reestruturação necessária após a consolidação da crise financeira, a empresa estabeleceu metas, já contextualizadas no seu novo momento. E, em maio, a Languiru atingiu cerca de 85% da meta mensal para este ano. E segue atenta à redução do custo operacional e redimensionamento. “Nossa maior busca é pela retomada do equilíbrio. Acreditamos que chegaremos na nossa meta no próximo trimestre. Não devemos fechar a meta anual, mas fecharemos este ano com perspectiva”, conclui.

Movimentos seguros pavimentam a caminhada de crescimento de cooperativa da Serra Gaúcha

ANA TERRA FIRMINO/JC



Apesar da chuva, Santa Clara mantém meta, garante Alexandre Guerra

Com 113 anos, a Santa Clara tem hoje um mix de 391 itens. E, sem abrir mão do planejamento estratégico, adota o conservadorismo em suas ações, levando adiante somente projetos com viabilidade econômica, além de metas segmentadas de faturamento e resultado.

“Cuidamos muito do caixa e dos indicadores econômicos, trabalhando sempre com liquidez positiva, buscando manter nossos compromissos em dia. Com isso, zelamos por uma cooperativa saudável financeiramente, fazendo com que todos os elos que se relacionam com a Santa Clara estejam seguros em trabalhar com a cooperativa, tanto produtores, colaboradores, fornecedores, instituições financeiras e nossos clientes”, diz Alexandre Guerra, diretor administrativo e financeiro da Cooperativa Santa Clara.

Embora estruturada, a empresa também enfrenta desafios devido às enchentes e condições climáticas adversas, somadas às diversas estiagens. Subiu o custo da logística. É preciso buscar rotas alternativas na captação e entrega do leite, já que há acessos bloqueados por queda de pontes e deslizamentos na rota da unidade de industrialização do leite UHT, no município de Casca.

Outro ponto é a crescente inadimplência, uma vez que muitos clientes perderam seus negócios devido aos impactos das enchentes. Além disto, o excesso de chuva lavou o solo e terminou com as pastagens de grande parte das propriedades dos produtores de leite. O desafio é recuperar este solo e voltar a obter a alimentação necessária do gado leiteiro.

Guerra acredita que, diante

desse cenário de necessidade de reconstrução e recuperação do Rio Grande do Sul pós-enxurradas, a receita é manter o foco nos negócios, trabalhar ainda mais prezando pelos valores do cooperativismo e entender que sempre existem oportunidades. Para isso, a Santa Clara manteve a meta traçada, de crescer 10% em 2024, mesmo com o impacto das chuvas sobre a economia gaúcha.

“Os desafios passam a ser maiores, e a meta mais desafiadora, principalmente na produção de leite. Apesar de os índices estarem abaixo do projetado, estamos mantendo a meta como uma forma de nos desafiar ainda mais, procurando transformar desafios em oportunidades.”

Para ele, será o foco no trabalho a melhor contribuição do setor cooperativo agropecuário para a recuperação do Rio Grande do Sul.

Agronegócio

Fecoagro prega gestão eficiente para ter resultados econômicos e sociais

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Embora tendo apresentado resultado negativo no faturamento em relação a 2022, as cooperativas agropecuárias representaram mais da metade da receita do cooperativismo gaúcho no ano passado. O baque veio pela queda nos preços das commodities e pelas perdas geradas na sequência de estiagens e nos episódios de chuvas intensas em setembro e novembro.

Mas o setor segue firme, com pesquisa, assistência técnica e crédito, por exemplo, apoiando os produtores. E são milhares no âmbito da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (Fecoagro). A entidade congrega 170 mil sócios em seu guarda-chuva, sob o qual estão 34 cooperativas de grãos e de proteína animal. Segundo o presidente, Paulo Pires, 85% deles são pequenos produtores rurais.

Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, o dirigente fala sobre a importância econômica e social do cooperativismo agropecuário para o Rio Grande do Sul e sobre o papel do setor no processo de reerguimento do Estado após a catástrofe climática de maio.

Jornal do Comércio - Qual é o tamanho do cooperativismo agropecuário no contexto econômico do Rio Grande do Sul?

Paulo Pires - O setor cooperativo agropecuário é extremamente importante. Hoje, procuramos agregação do valor. Nós temos um pioneirismo no Brasil, isso é muito importante. Quem primeiro começou a industrializar fomos nós, no Rio Grande do Sul. Nós tivemos uma indústria de defensivos do cooperativismo agropecuário do Estado. Tivemos indústrias de fertilizantes, indústrias de calcário, de óleo de soja. Isso tudo foi inovador, através de centrais. Mas, infelizmente, isso deu errado lá atrás, e isso talvez tenha freado um pouco o setor em novos investimentos. Mas temos uma origem de 50% da soja, 60% do trigo, 40% do milho. No arroz, já fomos bem mais expressivos no passado. E há outras atividades que as cooperativas estão trabalhando muito, como fabricação de ração, para as cooperativas de produção de proteína animal. E, principalmente, o grande trunfo das cooperativas é que elas estão nos mais distantes rincões. Onde uma cooperativa atua, onde ela está, normalmente ela é quem mais gera renda, quem mais gera emprego e quem mais gera

tributos nesses municípios. Ela tem uma importância extraordinária.

JC - Essa relevância traz responsabilidades e a necessidade de driblar dificuldades. Quais são as principais do setor?

Pires - O setor está cheio de desafios. Inclusive na reforma tributária. Nós temos um lobby, às vezes, muito forte contra o cooperativismo, não entendendo que a cooperativa, além de ser uma empresa com finalidade econômica, tem muito dentro de si uma questão social. Então, às vezes, isso não é levado em conta, principalmente, por pressão de grandes federações. O cooperativismo tem uma grande diferença da iniciativa privada normal. Os donos são milhares. No caso aqui, são 170 mil donos. Qual é a empresa no Rio Grande do Sul com importância econômica e que tem 10% disso em donos? Então, isso é fundamental, e isso diferencia o cooperativismo.

JC - Mas como se faz o enfrentamento dessas dificuldades?

Pires - O cooperativismo gaúcho vem vencendo desafios, mas com resultado. Nós temos mais de 10 anos de resultados. E, principalmente, eu não tenho dúvida de dizer que no setor agropecuário, quem mais investe em armazenagem e estruturas físicas, novas unidades, enfim, é o cooperativismo agropecuário. Não há dúvida que o cooperativismo tem cumprido seu papel.

JC - Como se administra um ambiente de necessidade de investimento permanente e de risco financeiro constante, por conta de circunstâncias climáticas adversas?

Pires - As dificuldades são tomar crédito. Nós somos tomadores de preço. Não adianta querermos definir o preço dos produtos que o produtor vende para nós e que nós vendemos ao produtor, no caso dos insumos, que são definidores. Por isso que investimos muito em assistência técnica.



Onde uma cooperativa atua, onde ela está, normalmente ela é quem mais gera renda, emprego e tributos



Pires, da Fecoagro, defende política pública para superar momento

Para melhorar a produtividade para o produtor, e ele ter mais resultados. Também temos a questão da estiagem, que prejudica muito o cooperativismo agropecuário do Rio Grande do Sul. São coisas que nós temos que enfrentar. Tem regiões com investimento muito forte. Mas as leis não nos ajudam muito nessa questão, porque nós temos convicção de que a irrigação não tem prejuízo para o meio ambiente. E, infelizmente, por um cochilo na legislação, nós podemos armazenar a água para uma série de finalidades, mas para produzir alimento, isso não está previsto no código florestal. Isso nos dificulta muito.

JC - Como a catástrofe climática de abril e maio de 2024 afetou o setor cooperativo agropecuário?

Pires - Esse episódio atingiu algumas cooperativas diretamente. Mas isso é um grande desafio, não só para as cooperativas, mas para o Rio Grande do Sul inteiro. E não foi só em maio. Nós tivemos vários fenômenos repetidos, inclusive agora em junho teve cooperativas afetadas com microexplosão, ou tornado, enfim. Essas adversidades climáticas são uma característica da atividade agropecuária. Infelizmente nós temos indústrias a céu aberto. Claro que essa que ocorreu no Rio Grande do Sul extrapolou tudo.

JC - E como lidar com o impacto econômico desses fenômenos sobre a atividade e a necessidade de medidas de apoio por parte do Poder Público?

Pires - O que a gente pede para o governo federal, por exemplo, é uma política pública para passarmos esse momento. Mas nunca pedimos perdão de dívida, anistia ou coisa parecida.

Nós queremos condição para que, junto com os nossos associados, possamos passar esse momento de dificuldade.

JC - O senhor comanda a Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga, que foi atingida por um potente episódio climático recentemente. Como isso afetou a cooperativa?

Pires - A Coopatrigo tem 26 unidades. Ela foi atingida por uma microexplosão ou talvez um tornado, uma coisa nunca vista. Tivemos vários silos descobertos e, principalmente, atingiu muito a sede administrativa, onde temos toda a central de inteligência da cooperativa. Mas esses problemas todos estão sendo superados. Nós já estamos no processo de reconstrução, fizemos um processo de salvamento de grãos depositados, fizemos um processo de reestruturação do sistema para funcionar o mais imediatamente possível, enfim. Mas agora as coisas já estão andando dentro de uma previsibilidade. O produtor plantando trigo, e a cooperativa preparada para receber trigo e canola como culturas de inverno dos seus associados. Então, esse é o desafio. E os desafios realmente são enormes, mas eles estão sendo superados.

JC - Como as cooperativas agropecuárias podem ajudar no processo de reconstrução do Rio Grande do Sul pós-catástrofe climática?

Pires - O Rio Grande tem essa resiliência. Nós vamos sofrer um 'puxão', vamos sofrer um 'segura'. Mas entendendo que vamos superar. Claro que nós precisamos de política pública, mas a superação das nossas dificuldades se dá em cima de atitudes da iniciativa privada. Nós temos que mudar isso no

País. Temos que, cada vez mais, incentivar o empreendedor, quem investe.

JC - Falta esse olhar por parte do governo federal?

Pires - Os programas sociais são extremamente válidos. Mas temos que entender que renda para os programas sociais é originada através da emissão de uma nota fiscal. Por isso, precisamos, cada vez mais, incentivar as pessoas que estão investindo para que haja cada vez mais emissão da nota fiscal. Elas gerem tributos, esses tributos além de gerar emprego, desenvolvimento social, geram recursos para se fazer programas especiais específicos. Que o governo fique na questão de segurança pública, questões básicas e, principalmente, na infraestrutura de portos, que é estratégica e que nem sempre a iniciativa privada pode fazer esse papel. Então, é nessa conjuntura toda que as cooperativas se somam. Elas têm na sua essência o desenvolvimento, o ser humano. Nós estamos formados em torno de um CNPJ, de vários CPFs. Mas, fundamentalmente, nós precisamos de resultado, porque estamos inseridos num processo de desenvolvimento econômico. Temos que pagar impostos e obrigações como qualquer outro, vinculados a Ministério do Trabalho, a Receita Federal. Mas nós temos no ser humano, no associado, no colaborador, a essência dos nossos objetivos. Por isso que é tão importante uma cooperativa, mesmo num lugar pequeno, numa cidade pequena. Tudo que ela gera ali e na região, ela reinveste ali. Diferente de grandes empresas transnacionais, que têm grandes resultados aqui e voltam para as suas matrizes. Não há nada errado nisso, mas as cooperativas se diferenciam muito justamente por investir na região onde se produz.

JC - E qual é a diretriz para o futuro, o crescimento e a superação dos obstáculos?

Pires - Nós, do cooperativismo agropecuário, temos a nossa característica, nosso espaço. Não estamos competindo para sermos melhores do que ninguém, mas entendemos que esse é um modelo de desenvolvimento muito eficiente e muito justo. Nós temos que ter gestão como fundamental. Talvez tenha sido esse um dos grandes problemas no passado. Temos que ser cada vez mais eficientes, mais eficazes no sentido de produzirmos, de gerarmos desenvolvimento através da nossa eficiência produtiva. No caso do agro, atualmente, nós vendemos para o mundo, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos. Há o polêmico tema ambiental, há até a opinião pública urbana, de certa forma preconceituosa com o agro. Acho que estamos superando tudo isso e construindo uma sociedade mais justa e mais digna para todos. Esse é um objetivo do cooperativismo.

Vitivinicultura

Cooperativas vinícolas projetam retomada e novos mercados no Rio Grande do Sul

Setor foi afetado pelas chuvas de maio, mas espera melhora já para o segundo semestre deste ano

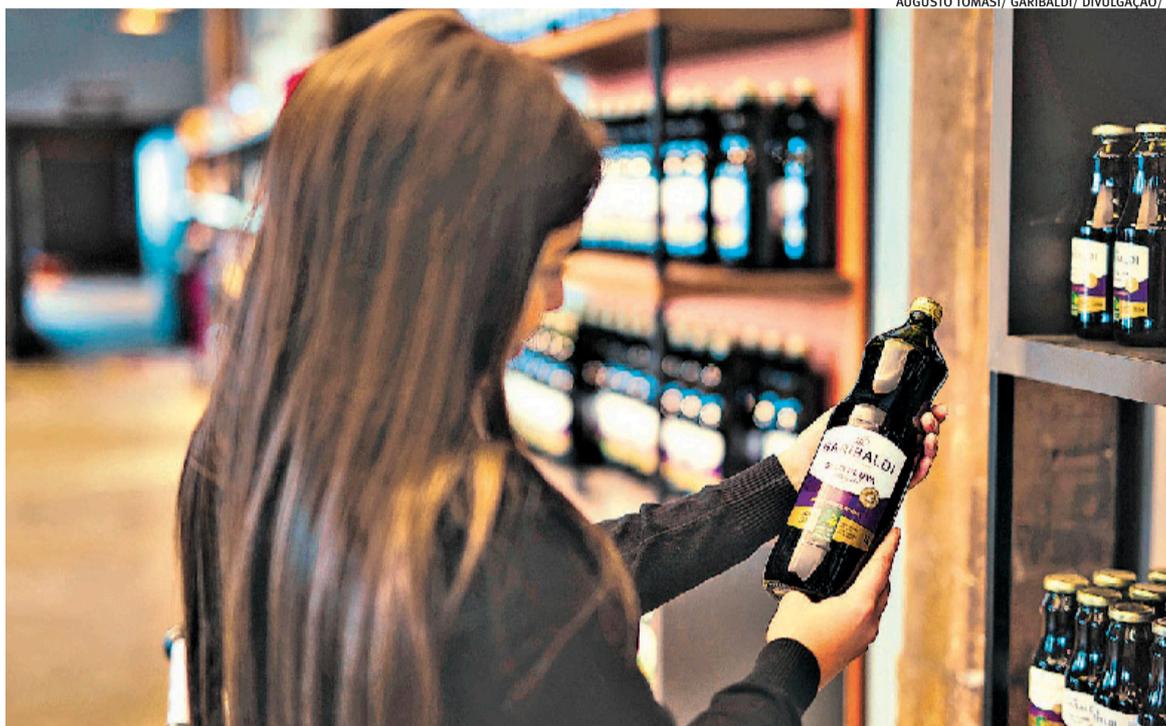
Bárbara Lima
barbaral@jcrs.com.br

Depois de sofrerem os impactos logísticos e de turismo por conta do desastre climático que atingiu o Rio Grande do Sul em maio, os setores vitivinícola e de enoturismo projetam retomada, ainda que não em níveis habituais para o período, e apostam em novos mercados, especialmente de espumantes, vinhos brancos e não-alcóolicos, para o segundo semestre deste ano.

As cooperativas vinícolas gaúchas, que representam boa parte da produção nacional de vinhos e bebidas derivadas da uva, estão se movimentando para fortalecer e puxar linhas de produtos zero álcool, alcançando e retomando mercados afetados pelos problemas causados pelas chuvas no Estado.

De acordo com dados levantados pelo Sistema Ocergs, entidade que representa as cooperativas do Rio Grande do Sul, os últimos anos foram bons para o cooperativismo do setor. O número de associados, por exemplo, cresceu 8% de 2022 para 2023 no Rio Grande do Sul.

No ano retrasado eram 4.028 associados. Em 2023, o total chegou



AUGUSTO TOMASI / GARIBALDI / DIVULGAÇÃO / JC

Número de associados cresceu 8% de 2022 para 2023 no Estado; agora, são 4.369 integrantes do ramo

a 4.369. O número de empregados se manteve estável, com 1.177 postos de trabalho. Além disso, também houve crescimento de patrimônio líquido dos cooperados e de ativos das cooperativas. Apesar disso, o período também registrou uma queda de 32% nas sobras (lucro).

Renê Tonello, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Vinícola Aurora, a maior cooperativa vinícola do País, com 1,1 mil famílias cooperadas, afirmou que os resultados seguiram um percurso 'bom' até o mês de abril

deste ano, quando iniciaram as chuvas. Em 2023, o faturamento chegou a R\$ 786,2 milhões, 4% a mais do que em 2022. Pelo quinto ano consecutivo, este foi o melhor desempenho da história da cooperativa.

"Passado esse período difícil das chuvas, com a reabertura gradual das estradas e restabelecimento das condições logísticas, mesmo com problemas relacionados a aeroportos, estamos enviando produtos e voltando a receber turistas nas unidades de Bento Gonçalves e Pinto Bandeira e estabelecendo uma normalidade, na

medida do possível", pondera.

A Aurora está presente nos 26 estados e no Distrito Federal e em outros 17 países. "O que estamos fazendo é priorizar os canais que já são parceiros da empresa e abrir outros mercados com base no realinhamento da nossa estratégia comercial intensificada desde o ano passado em praças importantes do País", complementa Tonello.

Na Cooperativa Vinícola Garibaldi, com 270 associados, o presidente Oscar Lô avaliou que o ano de 2023 também foi muito positivo, com

crescimento de 8% nas vendas, puxado pelos espumantes, e produção de 20 milhões de litros. "Hoje, a Cooperativa Vinícola Garibaldi já tem um pouco mais de 15% do share do mercado de espumantes produzidos e comercializados no Brasil. Estamos prevendo crescimento superior ao registrado em 2023 para vinhos finos e espumantes. O mesmo não deverá acontecer com a categoria suco de uva", projeta.

Sobre o enoturismo, Lô afirmou que já é possível observar uma 'tímida retomada'. "Essa retração seguiu por praticamente todo o mês de junho. Agora, começamos a observar uma tímida retomada. À medida em que os acessos vão sendo restabelecidos, esperamos uma retomada mais significativa do fluxo para o mês de julho, embora com projeções ainda inferiores ao movimento registrado no ano passado", explica.

Já o CEO da Cooperativa Nova Aliança, Heleno Facchin, projeta que, em 2024, a cooperativa espera estabilidade com um faturamento em torno de R\$ 220 milhões (em 2023 foi de R\$ 270 milhões), especialmente pela quebra da safra em decorrência das chuvas, mas com mais ganho qualitativo dos produtos, o que, inclusive, reverbera nos rendimentos do cooperados. "As famílias já sentem uma melhora na qualidade de vida", reflete. A Nova Aliança tem hoje aproximadamente 610 associados.

Um desses cooperativados, Leandro Tonello, é a quarta geração a ter vinhedos em Nova Pádua, na Serra, e a participar de cooperativa. "Depois de mim, vem meus filhos, espero que eles continuem. É um negócio próprio que tem destino certo da produção, isso proporciona estabilidade", cita, destacando, ainda, o apoio técnico.

Lançamentos são feitos a partir da mudança de consumo

Uma tendência que tem se mostrado cada vez mais presente no comportamento do consumidor jovem e preocupado com hábitos saudáveis é a preferência por bebidas não alcoólicas. Segundo o Relatório Covitel 2023, realizado pela Vital Strategies, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Umane Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), a prevalência de consumo regular de álcool (três ou mais vezes na semana) vem caindo no Brasil. Foi de 9,3% no período pré-pandemia, 8% no primeiro trimestre de 2022 e 7,2% no primeiro trimestre de 2023.

Isso tem repercutido também no mundo dos vinhos e espumantes. As cooperativas vinícolas têm apostado em produtos que lembram o gosto dessas bebidas, mas que não levam

álcool em sua composição. De acordo com elas, o foco, além da população jovem, está em pessoas impossibilitadas de tomar álcool, motoristas e curiosos por novos produtos.

Na Aurora, os produtores estão de olho nesta tendência. "Estamos pensando novos rótulos, embalagens e produtos sem álcool, também de olho na tendência de aumento no consumo de bebidas não alcoólicas." Além disso, a vinícola aposta no crescimento do consumo de vinhos brancos. "Temos previsto o lançamento de mais dois vinhos da linha Varietal. Também vamos lançar mais dois espumantes com a Denominação de Origem Altos de Pinto Bandeira", diz Renê Tonello. A cooperativa Garibaldi acredita que um dos motivos para os bons resultados é a aposta no mercado zero

álcool e prevê que o segmento continue crescendo. "Muito desse desempenho se deve ao empenho da marca em oferecer produtos diferenciados e atentos às tendências de consumo do mercado, como está sendo o caso das bebidas zero álcool, exceto suco de uva, com produção iniciada em 2022 e em ascensão em 2023. O impacto positivo nas vendas vem sendo observado também em 2024", ponderou Lô.

Para a Nova Aliança, o foco é investir em enoturismo, com a projeção de um novo espaço em Flores da Cunha, a ser inaugurado em novembro. "Além disso, estamos em um processo de reposicionamento de marca, investindo mais nos espumantes e vinhos finos. Estamos nos abrindo e nos integrando ainda mais com a comunidade", justifica Facchin.

Alteração climática e sucessão preocupam

As mudanças climáticas afetam diretamente a produção vitivinícola e por isso merecem atenção especial. Na Aurora, o apoio técnico permite que sejam previstas algumas situações e que seus impactos sejam minimizados. "Esse acompanhamento nos permite antecipar ou adiar a poda, trabalhar com o controle da fertilidade de gemas da videira, o que nos dá uma previsibilidade maior quanto ao volume de cada cacho e orientamos sobre cobertura verde, que pode reduzir os impactos com excesso de chuvas", exemplifica Renê Tonello.

Para a Garibaldi, é preciso preservar o solo, sem uso de herbicidas e com a manutenção da cobertura verde. "Também realizamos frequente manutenção e regulação

de pulverizadores para que o cooperado não tenha desperdício de tratamentos nos vinhedos, instalação de estações meteorológicas que servem para acompanhar o clima das regiões onde temos produtores, e indicar o melhor momento para os tratamentos", explica Lô. Há, ainda, um vinhedo experimental para identificar variedades resistentes ao 'terroir' gaúcho e suas modificações.

O CEO da Nova Aliança, Heleno Facchin, considera que outro desafio atual é garantir a sucessão familiar na cooperativa. "Temos um comitê formado por jovens para envolver mais eles. Essa é uma preocupação constante, porque muitos querem ir para cidade, então o campo precisa se modernizar e se tornar atraente para as novas gerações."

Vitivinicultura

Vinícola Aurora projeta crescimento de 10% em 2024

Renê Tonello, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Vinícola Aurora, espera atingir R\$ 1 bilhão de faturamento anual pela primeira vez na história do negócio em 2026

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

A Cooperativa Vinícola Aurora, na Serra Gaúcha, projeta um crescimento de 10% para 2024 em relação ao ano passado, quando a empresa faturou R\$ 786,2 milhões. No segundo semestre deste ano, espera-se, ainda, um aumento de cerca de 5% em relação aos primeiros seis meses, especialmente com a venda de espumantes, vinhos finos e suco de uva. De acordo com Renê Tonello, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Vinícola Aurora, em 2026, a expectativa é atingir o primeiro R\$ 1 bilhão de faturamento.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Tonello explica as tendências do mercado, como o consumo de bebidas zero álcool, a importância do enoturismo para o setor e as estratégias para lidar com as mudanças climáticas na produção. “Procuramos nos antecipar a essas dificuldades com o acompanhamento e suporte para que nossos viticultores cooperados tenham perdas menores”, conta.

Jornal do Comércio - Como avalia o setor vitivinícola em relação ao ano passado e a partir de agora?

Renê Tonello - Este ano vínhamos obtendo bons resultados até o mês de abril, quando iniciaram as fortes chuvas e todo aquele cenário de dificuldades que o Rio Grande do Sul enfrentou. Mas passado esse período, com a reabertura gradual das estradas e restabelecimento das condições logísticas, mesmo com problemas relacionados a aeroportos, aos poucos, a Aurora está retomando o envio de produtos para outros estados, voltando a receber turistas nas unidades de Bento Gonçalves e Pinto Bandeira e estabelecendo uma normalidade, na medida do possível. Em 2023, faturamos R\$ 786,2 milhões, 4% a mais do que 2022. Pelo quinto ano consecutivo, este foi o melhor desempenho da história da cooperativa. Para 2024, a expectativa é de expansão de 10%. No segundo semestre, devemos ter um aumento de cerca de 5% em relação aos primeiros seis meses do ano, especialmente com a venda de espumantes, vinhos finos e suco de

uva. Projetamos atingir o primeiro R\$ 1 bilhão de faturamento anual em 2026.

JC - Como as mudanças climáticas recentes (e futuras) se relacionam com o setor? É preciso pensar em estratégias para evitar perdas?

Tonello - As mudanças climáticas têm relação direta com o setor vitivinícola, assim como os demais segmentos produtivos. Estamos vivenciando um período de intensificação de fenômenos com El Niño e La Niña, que afetam de forma direta a produção de uvas em toda a Serra Gaúcha e também em outras regiões do Estado. Seja por períodos muito chuvosos ou com secas severas, esses obstáculos acabam sendo um desafio para todo o setor. Na Aurora, procuramos nos antecipar a essas dificuldades com o acompanhamento e suporte para que nossos viticultores cooperados tenham perdas menores e, conseqüentemente, esse problema também seja minimizado na indústria. Esse trabalho inicia com o monitoramento do clima para a adaptação de um manejo que reduza perdas no campo. Esse acompanhamento nos permite, por exemplo, antecipar ou adiar a poda, trabalhar com o controle da fertilidade de gemas da videira — que nos dá uma previsibilidade maior quanto ao volume de cada cacho —, orientarmos sobre cobertura verde, que pode reduzir os impactos com excesso de chuvas, entre outras ações que são realizadas pela nossa equipe agrícola.

JC - Qual a importância do cooperativismo dentro do setor vitivinícola?

Tonello - O cooperativismo sempre teve uma grande relevância para o desenvolvimento das cadeias produtivas e no setor vitivinícola ele é ainda mais destacado. As cooperativas possibilitaram que os agricultores familiares — todos pequenos produtores de uva em tamanho e volume de produção, mas grandes na força de trabalho e resiliência — pudessem viabilizar a atividade vitivinícola de forma associativa. Com a intercooperação, eles



Temos percebido uma sensibilização e receptividade maior do público com os produtos gaúchos



Tonello revela que, a partir do evento de maio, a Aurora busca antecipar dificuldades para apoiar viticultores

podem acessar mercados, qualificar a produção e fazer com que a produção de uvas se consolidasse como uma das principais cadeias produtivas do estado do Rio Grande do Sul. O cooperativismo tem ainda entre seus princípios a educação e a formação, para que os associados possam contribuir efetivamente com a organização e também com o seu desenvolvimento pessoal.

JC - Ainda que a produção não tenha sido tão impactada, quais foram os reflexos no enoturismo por conta das chuvas de maio?

Tonello - Tivemos um impacto significativo no enoturismo. Em maio de 2024, o enoturismo registrou 96% de redução em relação ao mesmo mês do ano passado e o faturamento das lojas de vinhos junto ao enoturismo tiveram uma redução de 60%. Já em junho, o movimento foi cinco vezes maior que maio. Em julho (alta temporada), os agendamentos já estão bem melhores, em relação a maio e junho, e, se as condições climáticas se mantiverem, o mês deverá ter bons resultados. Temos percebido uma sensibilização e receptividade maior do público com os produtos gaúchos. Nas duas lojas próprias da vinícola, em Bento Gonçalves, os visitantes (turistas e públicos local e regional) estão optando em comprar bebidas com o selo “Vinho Gaúcho”. Os itens mais adquiridos são o suco de uva integral e os vinhos finos tranquilos, especialmente os tintos.

JC - Quais são as principais novidades da Aurora este ano?

Tonello - Uma das principais novidades foi a criação do Comitê de Sustentabilidade, que passa a coordenar

todas as ações de ESG da cooperativa. Com relação a produtos, temos previsto o lançamento de mais dois vinhos da linha Varietal, amparados no crescimento do consumo de vinhos brancos. Também vamos lançar mais dois espumantes com a Denominação de Origem Altos de Pinto Bandeira, além de novidades quanto a novos rótulos, embalagens e produtos sem álcool, também de olho na tendência de aumento no consumo de bebidas não alcoólicas.

JC - A Aurora é a maior cooperativa do País. Rumo aos 100 anos, quais são os principais legados e aprendizados?

Tonello - Nessas mais de nove décadas desenvolvemos uma economia sustentável, na qual o viticultor tem seu trabalho reconhecido e prestigiado, impulsionando a produção local e melhorando a qualidade de vida no campo. Somos a maior cooperativa vinícola do Brasil, líder nacional nas categorias de vinhos finos brasileiros, suco de uva integral e coolers, além de ser uma das maiores produtoras de uva do Rio Grande do Sul, com cerca de 10% do volume total colhido no Estado. Entre os principais legados que podemos citar está a comprovação do sucesso da agricultura familiar e cooperativista, que traz ganhos para os próprios associados, como para funcionários e toda comunidade regional, e também para o consumidor, apreciador de vinhos, sucos e espumantes, já que os produtos ficam mais competitivos e são amplamente distribuídos no Brasil. Temos um papel social muito importante quanto à permanência dos trabalhadores no meio rural, da

continuidade da atividade vitivinícola e do reforço de uma identidade regional muito sedimentada na uva, no vinho e na cooperação entre as pessoas.

JC - A Vinícola Aurora firmou uma parceria com a Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) para a revisão e o aperfeiçoamento das normas de compliance e integridade. A previsão é concluir o trabalho até janeiro de 2025. O que já se pode adiantar deste aperfeiçoamento?

Tonello - O plano encontra-se no quarto módulo, em que é revisado o Código de Conduta. As fases anteriores nos deram um norte para que pudessemos aperfeiçoar ainda mais os nossos processos internos, a relação com fornecedores, parceiros e com os próprios funcionários. O objetivo é fortalecermos cada vez mais a nossa cultura interna de máximo respeito, zelo pelos nossos valores, missão e visão e sermos referência na valorização do trabalho digno e decente.

JC - Por conta do incentivo aos produtos gaúchos, a Aurora expandiu vendas para o mercado brasileiro depois das enchentes?

Tonello - O que fizemos foi retomar a venda para outros estados, o que foi um processo difícil ao longo do mês de maio em função dos desafios logísticos. A Aurora está presente nos 26 estados e no Distrito Federal e em outros 17 países, então, o que estamos fazendo é priorizar os canais que já são parceiros da empresa e abrir outros mercados com base no realinhamento da nossa estratégia comercial intensificada desde o ano passado em praças importantes do País.

Energia

Acesso a recursos para recuperação é fundamental para cooperativas de energia

Associações mantêm tratativas com Aneel e governos federal e estadual para conseguir auxílio na retomada

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

As cooperativas de energia do Rio Grande do Sul que foram impactadas pelas recentes enchentes no Estado pretendem retomar a qualidade do fornecimento de energia pela qual são usualmente conhecidas. No entanto, o presidente da Certel e da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonias e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), Erineo José Hennemann, frisa que as associações precisarão de um acesso facilitado a recursos financeiros para ir adiante com esse objetivo.

“Hoje, estamos com boas tratativas com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que também está sensibilizada e está enxergando que o prejuízo foi muito grande”, enfatiza o executivo. Uma forma de auxílio para o setor citada pelo dirigente é através da medida provisória do governo federal que autorizou três linhas para financiamento, no total de R\$ 15 bilhões, às companhias gaúchas afetadas pela calamidade pública.



Certel, cuja sede fica em Teutônia, foi um dos grupos mais afetados com as chuvas que atingiram o RS

“Temos uma expectativa muito boa de que passe da sensibilidade para ações que realmente sejam efetivas para liberar recursos para a recuperação das nossas linhas, redes e usinas que são tão importantes para a economia do Rio Grande do Sul”, assinala Hennemann. O dirigente recorda que a Certel, que tem sede em Teutônia e atende a 48 municípios, foi a mais atingida das cooperativas gaúchas de energia com as chuvas, tendo no pico dos problemas

registrado cerca de 46 mil consumidores sem energia (o que significa aproximadamente dois terços do mercado da cooperativa).

A associação estima que seu prejuízo foi de cerca de R\$ 25 milhões nas redes de distribuição e calcula, ainda não sendo um número fechado, mais em torno de R\$ 50 milhões com danos em hidrelétricas. “E até agora a gente não efetivou nenhuma entrada de recursos, mas estamos prestes a solucionar alguma coisa via

governo federal e bancos da nossa região e bancos cooperativos”, aponta o dirigente.

Hennemann ressalta que a ideia da cooperativa é continuar com todos os seus projetos, porém serão reavaliados cronogramas e planejamentos. O presidente da Certel acrescenta que a cooperativa está focada em melhorar a qualidade do fornecimento de energia elétrica para seus usuários, após os impactos das enchentes, porque muitas iniciativas

adotadas em um primeiro momento foram feitas de maneira emergencial. “Ou seja, alguns locais, em vez de redes trifásicas, foram colocadas redes monofásicas, transformadores que não eram os ideais e agora estamos repassando por todas as áreas novamente para instalar equipamentos dentro de um padrão de exigência e segurança técnica”, reforça.

Conforme o presidente da Certel, além do segmento de distribuição da cooperativa, foi afetada a área de geração do grupo. No total, três hidrelétricas foram impactadas pelas enchentes: Boa Vista, Rastro de Auto, essas duas funcionando em caráter emergencial, e Salto Forqueta (situada entre as cidades de São José do Herval e Putinga, que sofreu a maior devastação e que deve levar cerca de seis meses para ser recuperada).

Hennemann detalha que nessa última usina será necessário reconstruir toda a parte eletrônica e comandos do empreendimento. “E não tivemos a oportunidade de fazer um levantamento sobre os danos que ocorreram nas turbinas e nos geradores em função da dificuldade de acesso que ainda ocorre”, afirma o dirigente.

De acordo com Hennemann, a cooperativa também tem funcionando como um agente de apoio para as comunidades prejudicadas pelas cheias, com uma série de trabalhos e programas de cunho social. “Porque na verdade todo o Vale do Taquari foi devastado”, lamenta o dirigente. Entre as atividades promovidas pela Certel estão o repasse de lava-jatos para ajudar na limpeza das localidades, distribuição de alimentação e de materiais de limpeza.

Clima teve reflexos distintos entre associações gaúchas de eletrificação

Apesar dos enormes danos causados pelas chuvas intensas no Rio Grande do Sul, os impactos entre as cooperativas de energia foram diferentes, dependendo das regiões de atuação desses grupos. Algumas associações não tiveram maiores problemas, assim como Coopernorte, Cermisões, Cral e Ceriluz.

Conforme o presidente da Coopernorte, Jairton Vieira, a cooperativa não sofreu grandes danos com as chuvas. No caso específico da associação, a questão climática fez com que a cooperativa comercializasse mais energia no mês de maio. “Porque aqui tem muitos sítios do pessoal que mora em Porto Alegre e na região Metropolitana e essas pessoas, e alguns parentes, vieram para cá”, explica o dirigente. Segundo ele, esse cenário acarretou um aumento na demanda de energia na ordem de aproximadamente 20%.

Vieira compara que a situação foi

similar ao que acontece normalmente no período de verão. No entanto, ele acredita que, dessa vez, alguma parcela desses consumidores ficará pela região. Neste ano, o presidente da Coopernorte revela que a cooperativa vai investir na implantação de cerca de 45 quilômetros de rede trifásica, o que implicará um aporte de aproximadamente R\$ 2 milhões. Em torno de 90% dos recursos para essa iniciativa serão oriundos do programa do governo estadual Energia Forte no Campo.

Vieira considera que o programa deverá ser fortalecido a partir da calamidade climática. Na expansão do fornecimento de internet, outra atividade praticada pela Coopernorte, a cooperativa deve investir mais cerca de R\$ 700 mil. “Hoje, estamos com 2,8 mil associados conectados na nossa internet e a expectativa é chegar ao final do ano com 3,2 mil”, projeta o dirigente. Conectados na

rede de energia são mais cerca de 7 mil usuários.

Já a Cermisões possui em torno de 32,2 mil associados, em 26 municípios da região das Missões. O presidente da associação, Diamantino Marques dos Santos, detalha que os principais danos com as chuvas ocorreram na área da cooperativa no início de maio, quando um temporal derrubou 31 postes de luz, no interior de São Miguel das Missões. Já em meados de junho o temporal que atingiu São Luiz Gonzaga danificou um quilômetro de rede, às margens da BR - 285, próximo do trevo do Jaime Caetano Braun. Todas as redes danificadas foram recuperadas com recursos próprios.

Mesmo com as dificuldades climáticas verificadas no Estado, Santos ressalta que a cooperativa mantém em andamento vários projetos importantes para a sua região de atuação e

cita entre os quais o aumento da capacidade de 50 MVA para 62,5 MVA da subestação Santo Antônio de São Luiz Gonzaga, a construção de 27,5 quilômetros de rede trifásica, interligando os municípios de Roque Gonzales, Pirapó, Dezesesseis de Novembro e Porto Xavier, e as duplicações de 3,8 quilômetros de rede, desde a subestação Santo Antônio de São Luiz Gonzaga, até o trevo que vai a Bossoroca, e de um trecho de 15 quilômetros, desde a subestação da RGE de Santo Ângelo (próxima do Parque da Fenamilho) até o interior de Entre-Ijuís.

“A grande maioria destes investimentos é voltada a atender às crescentes demandas dos irrigantes de Santo Antônio das Missões, São Luiz Gonzaga, Bossoroca, Rolador, Caibaté, Mato Queimado, Vitória das Missões, São Miguel das Missões, Jóia, Eugênio de Castro, Entre-Ijuís, Santo Ângelo, dentre outros”, detalha o dirigente.

O presidente da Cral, João Aldeiro do Prado, informa que as estruturas e as redes da cooperativa com sede em Erechim não tiveram grandes perdas. “O problema foi mais sentido nas obras em andamento, que acabaram sofrendo atrasos. Foram 60 dias sem praticamente executar nada”, lamenta. Neste ano, a cooperativa concluiu duas usinas solares em Erechim, mas atualmente tem 11 outras usinas solares em construção em áreas atingidas.

Já o presidente da Ceriluz Distribuição, Guilherme Schmidt de Pauli, afirma que a cooperativa de Ijuí não foi muito afetada pelas chuvas. “O clima não afetou, por exemplo, as obras da PCH Linha Onze, que já está 70% concluída, e teve finalizado, depois de dois anos, o túnel de quase três quilômetros, que era o maior gargalo estrutural da usina em Coronel Barros”, ressalta o dirigente. A perspectiva é terminar as obras em novembro.

Energia

Apesar das enchentes, Coprel pretende manter investimentos previstos para 2024

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Mesmo com os impactos que as chuvas e as cheias causaram no Rio Grande do Sul e também no sistema elétrico gaúcho, a Coprel planeja sustentar os aportes previstos para este ano, que ultrapassam o patamar de R\$ 140 milhões. O presidente da cooperativa de energia e da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop), Jânio Vital Stefanello, ressalta que as associações desse segmento esperam contar com o apoio governamental para ter acesso a recursos e recuperar suas redes elétricas e usinas afetadas pelo fenômeno climático. Atualmente, a Coprel, que tem sede em Ibirubá, atende a 72 municípios e possui 56 mil sócios, além de 18,4 mil quilômetros de rede.

Jornal do Comércio - Os severos eventos climáticos que atingiram o Rio Grande do Sul tiveram impactos muito intensos na Coprel?

Jânio Vital Stefanello - Nós tivemos (reflexos), não no grau de impacto como houve na Certel (cooperativa de Teutônia), por exemplo, mas tivemos municípios como Tunas, parte de Espumoso, Jacuizinho, Salto do Jacuí, afetados. Especialmente Salto do Jacuí, porque a subestação da CPFL lá ficou embaixo d'água, então as conexões que tínhamos por aquela região tiveram que vir por Tapera. Graças a Deus nós conseguimos minimizar os impactos, mas tivemos perdas, além da distribuição, na geração. Houve a inundação de uma usina (a pequena central hidrelétrica - PCH - Ernesto Jorge Dreher, que possui 17,87 MW de potência instalada) de uma empresa coligada nossa, a BME Energia.

JC - Qual foi o tamanho do prejuízo financeiro da Coprel com as chuvas no Estado?

Stefanello - Na distribuição, os impactos até que não foram tão significativos, foram na faixa de R\$ 5 milhões. Na geração, nós acreditamos que vai na faixa de R\$ 15 milhões. Então, são uns R\$ 20 milhões para nós recompormos o sistema. Estamos correndo atrás de recursos, que até agora não conseguimos ter acesso, mas entregamos para o governador (Eduardo Leite), para o ministro extraordinário (de Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta), na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e no ministério de Minas e Energia o pleito



COPREL/DIVULGAÇÃO/JC

Presidente da cooperativa, Jânio Vital Stefanello projeta aporte acima de R\$ 140 milhões neste ano

do cooperativismo através da nossa federação, a Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs). Estamos tentando enquadrar as cooperativas para poder acessar recursos e fazer a recomposição. Enquanto isso, estamos fazendo com recursos das próprias cooperativas.

JC - Então, a Coprel pretende manter seus planos de investimentos para este ano?

Stefanello - Vamos continuar na luta de buscar recursos e manter os investimentos. Nós tínhamos um plano de investimento na geração de em torno de R\$ 52 milhões, projeção para 2024, especialmente na PCH Santo Antônio do Jacuí, que vendeu energia em leilão. Infelizmente, a chuva vai atrasar um pouco o cronograma de obras, mas como os recursos já estão alocados e o plano está contratado, vamos tocá-la para frente.

JC - E na área da distribuição, o que a cooperativa planeja fazer?

Stefanello - Na distribuição, se olharmos o programa de investimento para a Coprel, tínhamos quase R\$ 93 milhões para este ano. Esse montante contempla, entre outras ações, uma subestação nova em Não-Me-Toque, uma subestação importante para aquela região que vai dar muito mais segurança e confiabilidade no fornecimento de energia. Desse

investimento, que é de (um total) em torno de R\$ 25 milhões, neste ano a projeção é investir quase R\$ 19 milhões. Então, esse é um empreendimento que já está andando, são investimentos que a gente não vai parar. E temos planos de redes trifásicas no Interior.

JC - Para não onerar demasiadamente as cooperativas de energia e as tarifas de seus associados afetados com as cheias, o ideal seria criar uma espécie de "colchão" com ações do poder público para amortizar os custos?

Stefanello - Esse é o grande pleito que estamos levando para o órgão regulador. Temos feito inúmeras reuniões, há sensibilidade, mas existe também o papel da política pública. Então, estamos trabalhando junto ao ministério Extraordinário do

Sul, com o ministro Paulo Pimenta, também com a Secretaria estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura, mostrando o impacto nessas cooperativas para que a recomposição do sistema seja feita.

JC - Os órgãos regulatórios e governamentais estão abertos aos argumentos das cooperativas?

Stefanello - É um momento desafiador que o Estado está passando, é algo nunca visto, então a gente precisa ter um olhar diferente do convencional. Esperamos que a gente possa sensibilizar tanto o órgão regulador como o governo para que olhem para as cooperativas que são pequenos agentes lá no Interior. O ideal seria que já tivesse a regra do jogo estruturada, mas está aberto. Eu sinto que há uma sensibilidade, há um interesse de buscar saídas e acho que o melhor caminho é construirmos juntos uma metodologia para que o impacto na ponta seja o mínimo possível, principalmente, neste momento de renda baixa, de dificuldade de pagamento de conta de luz.

JC - Como no pós-enchente haverá várias ações que terão que ser feitas no Rio Grande do Sul, o senhor pensa que existe o risco de que o programa Energia Forte no Campo do governo estadual, que busca fortalecer a estrutura elétrica no meio rural, seja descontinuado por falta de foco?

Stefanello - Eu vejo o programa como mais necessário ainda, porque o produtor vai ter que melhorar o seu sistema (de fornecimento de energia) para melhorar sua renda. Cada vez que a gente chega no Interior, com rede trifásica, quando a gente possibilita ao produtor aumentar seu tanque de leite, incrementar o seu aviário, sua irrigação ou alguma atividade econômica, está melhorando a vida dele. E o Energia Forte é um belíssimo programa, de melhoria de renda e também, acima de tudo, de melhoria da vida das pessoas no Interior.

JC - O evento climático que atingiu o Rio Grande do Sul mudará a forma das empresas de energia atuarem?

Stefanello - Uma coisa que precisamos colocar no radar, não só no nosso, mas de todas as empresas, é olhar isso com uma visão mais estratégica. Qual é a garantia para esses ativos que nós temos? Qual é o seguro que temos para isso? Como podemos mitigar esse risco? Estamos nos desafiando a buscar soluções diferentes que temos hoje para buscarmos parceiros nessa hora ou criar fundos para contingências mais fortes e também seguros maiores para essas eventualidades. A gente tem que ver que o clima mudou e precisamos estar atentos a essas mudanças para manter esses riscos mapeados dentro do nosso planejamento e colocar isso como um fator que vai ser normal.

JC - Há exemplos que podem ser aproveitados quanto à proteção dos sistemas?

Stefanello - Acho que vale a pena a gente pensar sobre o que existe em outros países, outros modelos, qual é o custo disso. Por exemplo, não dá para ter usinas sem ter seguros robustos, não somente dos equipamentos, mas também da receita futura que pode perder. A meta é buscar soluções, às vezes sacrificando margem, mas em benefício da segurança. O componente da segurança, a partir de agora, precisa ser olhado com carinho nos nossos investimentos futuros. Em 2019, nos Estados Unidos, em Memphis, fomos olhar uma cooperativa de telecomunicações e havia uma associação que tinha o centro de operação na parte superior, que podia ser afetado por um ciclone. Mas, do lado, enterrado, tinha um centro de operação subterrâneo funcionando paralelamente. Um sistema todo protegido.



O componente da segurança, a partir de agora, precisa ser olhado com carinho nos nossos investimentos futuros

Cooperar é Reconstruir.

O cooperativismo sempre fortaleceu nosso estado.
E a nossa força vai reerguê-lo.

R\$ **86,3**
BILHÕES EM FATURAMENTO

370
COOPERATIVAS

75,9 MIL
EMPREGOS GERADOS

+de 3,8
MILHÕES DE ASSOCIADOS

Saiba mais
sobre nossas
conquistas:



Acesse a Expressão do
Cooperativismo Gaúcho
e confira a força do
nosso trabalho.

6 de julho de 2024
Dia Internacional
do Cooperativismo



 **SistemaOcergs**
OCERGS | SESCOOP/RS | ESCOOP